

SELEÇÕES DA HISTÓRIA



DO BRASIL E DO MUNDO

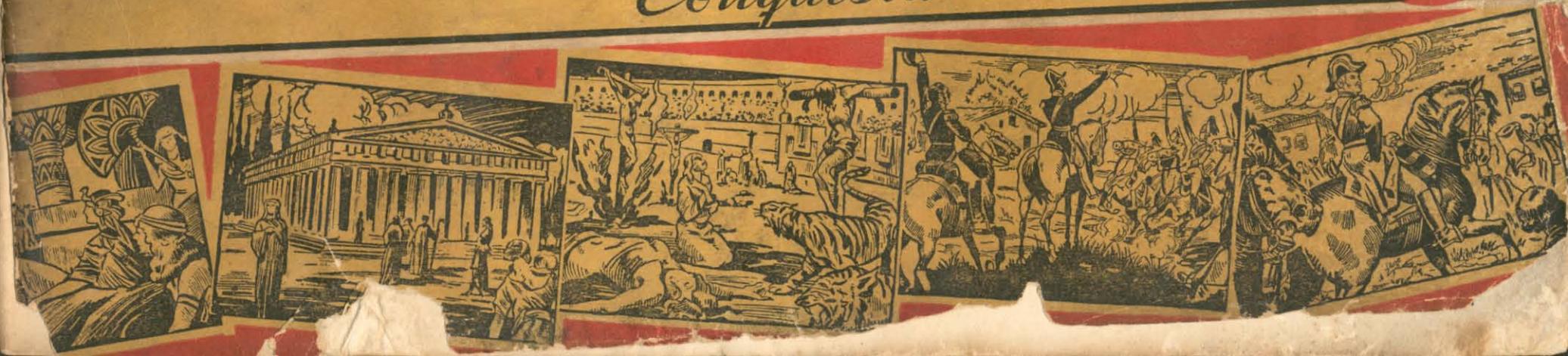


Sergio Macedo

Renato Silva

1

Conquista



MAIS «HISTÓRIAS EM QUADRINHOS»?

A *SINTESE*, ao mesmo tempo que é o caminho da perfeição, corresponde a uma exigência da hora presente. Por isso, as "histórias em quadrinhos", que são a síntese aplicada à literatura tomaram tal desenvolvimento que ninguém mais discute a sua eficiência, o seu poder de sedução, particularmente junto à infância e à juventude, sem se falar de sua utilidade nos domínios da pedagogia.

O problema, hoje, é de seleção, de critério, separar o joio do trigo pois da mesma forma que a "história em quadrinhos" recrea e instrui, quando elaborada com honestidade, também pode contribuir, e poderosamente, no sentido da deformação da mentalidade dos jovens, quando elaborada sem escrúpulos.

Pouca gente, no Distrito Federal, crianças e adultos, desconhecerá o trabalho honesto, perseverante e criador, altamente educativo, de Renato Silva e Sérgio Macedo, conceituados professores de Desenho e História, publicado com regularidade no "Diário de Notícias". Portanto, esta publicação não é uma experiência mas a afirmação categórica de uma vitória bastante expressiva, em escala ascendente, cada vez em plano mais alto. Ontem, simples publicação isolada no jornal; hoje, conjunto harmonioso, cuidadosamente revisto, em fase de transição da revista para o livro, vencendo distâncias, atingindo camadas mais amplas de leitores, circulando não mais apenas nas zonas limitadas do jornal mas por todo o Brasil, nas bancas de jornais e nas livrarias, em forma permanente, nos lares, nas bibliotecas, nos educandários, nos locais de trabalho, etc.

Outrossim, para atender aos leitores mais exigentes, aos quais não bastam as ilustrações e suas legendas, reproduzimos sempre, no verso de cada história, nas páginas pares, trecho escolhido de escritor notável, de caráter histórico, relacionado com o episódio em foco, fornecendo ao leitor, desse modo, material novo, desenvolvido, necessário, muitas vezes, à melhor compreensão de certos fatos históricos.

Cada número de *SELEÇÕES DA HISTÓRIA* corresponde pois a uma pequena antologia, de interesse permanente, cujos volumes poderão, em qualquer tempo, ser encadernados em tomos que não perderão a atualidade, porque a História é como o vinho: quanto mais velha, melhor...

Como se vê, esta publicação atingirá colegiais de todos os ciclos, crianças, jovens e adultos, filhos e pais de qualquer grau de instrução ou cultura, uma vez que não há limitação para a arte e as histórias ilustradas aqui reunidas são verdadeiras obras de arte, no gênero, agradáveis à vista e ao intelecto, recreativas e instrutivas ao mesmo tempo.

Quem tiver dúvidas a este respeito que experimente: abra o livreto e leia uma qualquer...

OS EDITORES

SUMÁRIO DO NÚMERO 1

A EXECUÇÃO DE TIRADENTES	1
O preço da traição — «Autos de devassa da Inconfidência Mineira»	2
OS GLADIADORES	3
A civilização romana — R. Haddock Lobo	4
O CAÇADOR DE ESMERALDAS	5
As minas de esmeraldas — Pandiá Calógeras	6
DRAKKAR E SNAKKAR	7
Os normandos — M. Depping	8
JOÃO RAMALHO	9
João Ramalho e Santo André da Borda do Campo — Viriato Correia	10
PORTUGAL CONQUISTA O MAR	11
Origens de Portugal — Carlos Selvagem	12
A JANGADA LIBERTADORA	13
A respeito da escravidão — Sérgio Macedo	14
A ILÍADA	15
Os gregos — H. G. Wells	16
A GÔTA DE SANGUE DA REPÚBLICA	17
A República e Deodoro — Oliveira Viana	18
O HUMANISMO	19
Leonardo da Vinci	20
O CAFÉ CHEGA AO BRASIL	21
O café	22
ASSIM NASCEU O PAPEL	23
Os primeiros moinhos de papel	24
O ALEIJADINHO DE VILA-RICA	25
Vila-Rica do Aleijadinho — Sérgio Macedo	26
AS MÚMIAS DO EGITO	27
Noções de Geografia Histórica do Oriente Antigo — João Ribeiro	28
ANA NÉRI	29
A guerra do Paraguai — Pandiá Calógeras	30
HIROSHIGE RETRATA A CHUVA	31
Artes orientais — J. B. Campbell	32

SELEÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL E DO MUNDO
Desenhos de RENATO SILVA - Legendas de SÉRGIO MACEDO
NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS DO BRASIL — CR\$ 10,00
CONQUISTA
AV. 28 DE SETEMBRO, 174 — JANEIRO — BRASIL



FACES ABRASADAS, OLHAR ARDENTE, O
MARTIR DA INDEPENDÊNCIA SUBIU,
PARA A GLÓRIA, FRONTE ERGUIDA, OS
DEGRAUS DO PATÍBULO



3 — Uma voz chamou, firme: «Alfere Joaquim José da Silva Xavier!» O condenado ergueu-se da palha e foi apresentado ao alçó, que lhe vestiu o camisolão conhecido pelo nome de «calças» — indumentária dos que marchavam para a morte. Era 21 de abril e a cidade mostrava-se preparada para grande festa em honra da rainha. Ouviram-se fanfarras em todas as ruas. Seis regimentos e duas companhias de cavalaria corriam a cidade, que as tropas auxiliares policiavam. Foi em meio a tão extraordinárias manifestações que o condenado principiou a derradeira caminhada.



1 — O desembargador Francisco Alves da Rocha transpôs a porta da sala do «Oratório», na Cadeia Pública do Rio de Janeiro. Onze homens, algemados, carregados de ferros, rodeados de força embalada, aguardavam o magistrado. Cercado de outros juizes, o desembargador leu, solenemente, a sentença de que era portador. Erudita, recheada de citações, durou duas longas horas a leitura. Duas horas de angústia e sofrimento lento. Os onze homens estavam condenados a morrer na fôrça. Era 19 de abril de 1792.



2 — Não tardou, porém, que um raio de esperança viesse clarear um pouco a noite de infortúnio em que haviam mergulhado aqueles desgraçados. O desembargador Francisco voltava com o mesmo aparato e a mesma solenidade para anunciar que S. M., a rainha d. Maria I, resolvera usar de clemência, poupando dez dos condenados. Apenas um, portanto, subiria ao patíbulo. Grandes foram, então, os extremos da alegria. Os condenados abraçavam-se e felicitavam-se. Até mesmo o que deveria morrer mostrava-se alegre.



4 — Solene, o préstito formado em frente à Cadeia (local em que hoje se encontra a Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro). O esquadrão de cavaleiros da Guarda do Vice-rei; a Irmandade da Misericórdia. Entre religiosos, vinha o réu, conduzindo à mão um crucifixo. E o préstito pôs-se em marcha, em direção ao campo da Lampadosa. O dia não poderia ser mais belo. E pelas onze horas a procissão atingia o campo, por um dos ângulos que faziam os regimentos ali postados em triângulo. O rei adiantou-se, então.



5 — Faces abrasadas, olhar ardente, êle subiu os degraus da fôrça. Serenamente pediu ao carrasco que não tardasse a cumprir o seu dever e ab-viasse o suplicio. Os sacerdotes murmuraram o «Credo». Um ruído sêco, rufar surdo de tambores, frêmito de angústia percorrendo a multidão, e viu-se suspenso das travessas o corpo do réu. Tiradentes estava morto. Deixara de existir o primeiro mártir dos sonhos de independência brasileira. Mais algumas horas e seu corpo seria postado. Era preciso castigar os que pensavam em liberdade...

O Preço da Traição

PETIÇÃO de Joaquim Silvério dos Reis (o delator da Inconfidência) para que, por sua morte, fôsse paga a sua mulher a pensão de "quatrocentos mil-réis" que êle recebia como prêmio da delação:

"Senhor:

O coronel Joaquim Silvério dos Reis Monte Negro, é aquêl leal vassallo bem conhecido de Vossa Majestade pela sua constante fidelidade, que fêz em Minas Gerais e Rio de Janeiro o assinalado serviço que se manifesta pelo documento n.º 1.

Em atenção a êste, foi Vossa Majestade servido conferir-lhe a graça de uma anual pensão de quatrocentos mil-réis, pagos pela Tesouraria do Maranhão, como se mostra pelo Real Aviso debaixo do n.º 2, porém, Real Senhor, o suplicante se acha em uma avançada idade, cercado de moléstias crônicas que lhe prometem pouca duração de vida; e como fica sua mulher e filhos em terra estranha, sem bens nem meios de subsistência, por perder os que tinha no abundante país de Minas Gerais por conta do dito Serviço.

Real Senhor, a mulher do Suplicante tem a honra de ser por três vêzes comadre de Vossa Majestade que não há de permitir que esta, e seus afilhados fiquem expostos à última desgraça e penúria por morte do suplicante, que com o mais profundo respeito:

pede a Vossa Majestade que pela sua infinita bondade e excelsa grandeza lhe faça a graça da Suprevivência da referida pensão dos 400\$000 anuais para sua mulher, D.ª Bernardina Quitéria dos Reis e seus filhos, pagos pela mesma Tesouraria".

Quería mais, Joaquim Silvério. Em petição de 1821, ao rei D. João VI pedia uma condecoração: a venera da Ordem de N. S. de Vila Viçosa:

"Senhor:

Diz Joaquim Silvério dos Reis Monte Negro, fidalgo cavalheiro da Casa Real e Capitão da 5.ª Companhia do 2.º Batalhão de Fuzileiros desta Côrte, que êle suplicante tem a honra de servir a Vossa Majestade há dezessete anos, tendo assentado praça de cadete no 1.º Regimento de Artilharia de Lisboa, teve a ventura de acompanhar

Vossa Majestade daquela capital a esta Côrte onde foi despachado alferes para a capitania do Maranhão, onde serviu até tenente, em que por motivos que fêz ver a Vossa Majestade, foi promovido a capitão do sobredito Batalhão; e como se persuada de ter desempenhado com prontidão, atividade e zêlo os deveres de um bom militar, e fiel Vassallo; para dar um testemunho ao Público dos seus bons serviços, humildemente supplica a Vossa Majestade a graça de o condecorar com a Venera da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, não só em consequência dos seus serviços, mas também em razão do seu Fôro, comprovado com o documento junto; e como seja indubitável a recompensa em Vossa Majestade aos seus vassallos que o servem com distinção, prostrado ante o Régio Sólido,

pede a Vossa Majestade se digne por efeitos de sua Real Grandeza e Beneficência assim anuir à sua rogativa".

Joaquim Silvério dos Reis era muito escrupuloso na delação. Tanto assim que entre 1789 e 1792 enviou às autoridades diferentes vêzes, ptições e informações referentes à Conjuração qu denunciara, como mostra êste precioso requerimento:

"Sr. Desembargador Pedro José de Araujo Saldanha.

Diz o coronel Joaquim Silvério dos Reis Monte Negro que na denúncia que pôs na respeitável presença do Ilmo. e Exmo. Sr. Visconde de Barbacena sôbre a sublevação intentada contra o Estado, de Sua Majestade, tem o suplicante dúvida, se por esquecimento, deixaria de dizer tudo o que sabia sôbre essa matéria e como na sua denúncia protestava dizer tudo o que sabia quando lhe fôsse perguntado, oferece novamente o suplicante os capítulos inclusos assinados pelo suplicante que afirma debaixo do Juramento dos Sagrados Evangelhos e não tem o suplicante feito esta diligência há mais tempo por se achar há 9 meses prêso e incomunicável.

Pede V. S. seja servido aceitar os capítulos inclusos e que se lhe juntem à denúncia".

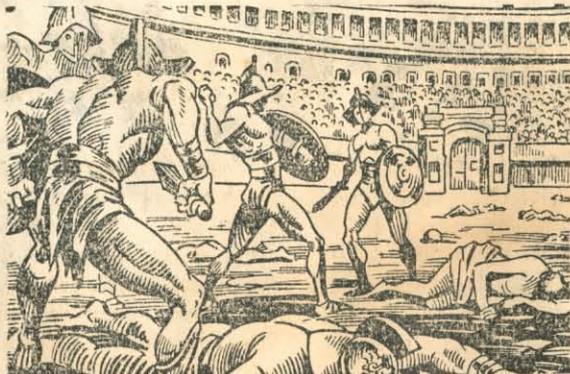
"AUTOS DE DEVASSA DA INCONFIDENCIA MINEIRA".



A PRINCÍPIO ERAM ESCRAVOS QUE LUTAVAM PELA SOBREVIVÊNCIA; DEPOIS, LUTAR COM O GLÁDIO ERA UMA ARTE QUE EMPOLGAVA OS ROMANOS



3 — Tão grande era a paixão popular por semelhante gênero de combate depravado, que nos teatros, muito frequentemente, o povo interrompia a peça que se representava para reclamar espetáculos de força. Que lhes dessem, ao invés de versos de Plauto ou de Terêncio, lutas entre gladiadores e animais ferozes. Em sua Epístola a Augusto, Horácio expõe os romanos por tal «fraqueza». Mesmo os homens de posição elevada apreciavam tais demonstrações de bestialidade.



1 — Os gladiadores romanos, que não devem ser confundidos com os atletas da Grécia, erguidos, algumas vezes, às proporções de divindade, foram originariamente escravos condenados à morte aos quais se permitia reconquistar o direito à vida, lutando nos circos. Em pouco tempo a luta desesperada desses homens, que procuravam salvar-se, transformou-se em espetáculo estimadíssimo do povo. O romano entendeu ser mais agradável ver homens matando-se do que contemplar feras entredevorando-se, como acontecia então.



4 — Não tardou que surgisse outra espécie de gladiadores. Homens livres entregavam-se a essa profissão, ao lado de escravos, tendo existido verdadeiros empresários de lutas, os lanistae, que organizavam os espetáculos. Na arena, o povo decidia da sorte do vencido, conforme sua conduta durante a luta. Polegares para baixo indicavam a morte inapelável do que se houvesse conduzido com tibieza no decorrer da peleja.



2 — Foi sob o consulado de Appius Claudius, no ano 450 de Roma, que teve lugar o primeiro espetáculo de gladiadores. E a partir de então, lutar com o gládio transformou-se numa arte. Variaram as armas, os combates, as designações, dado que os lutadores foram agrupados em diferentes classes como os Secutores, que lutavam com espada e maça; os Dimacoei, que se batiam armados de dois punhais; os Bestiari, que só lutavam contra animais ferozes; os Andabatoi, que guerreavam a cavalo tendo os olhos vendados...



5 — Os serviços dos gladiadores foram utilizados nas guerras civis. A acreditar-se em Suetônio, Nero obrigou os próprios senadores romanos a lutarem entre si, na arena... As lutas de gladiadores, que só terminaram definitivamente no ano 500 depois de Cristo, forneceram à escultura antiga inspiração para belíssimos trabalhos, tendo a figura do gladiador inspirado uma das maiores obras de arte da antiguidade: a estátua conhecida pelo nome de Gladiador Borghese, considerada legítima obra dos tempos clássicos.

A Civilização Romana

«NO século VIII A. C., uma pequena cidade da Itália Ocidental, sita não muito longe do Mediterrâneo, empenhou-se em contínuas lutas com as populações vizinhas, por motivos de gado, de terras e de segurança. Aos poucos passou a dominar toda a região conhecida pelo nome de Lácio. Os pequenos Estados próximos que ainda mantinham sua independência, não tardaram a obedecer à cidade dominadora, e disputavam o privilégio de ser seus aliados. Assim é que, Roma deu os primeiros passos no caminho que a levaria à formação de um dos mais importantes impérios da História. As lutas continuaram, porém. Os dirigentes romanos queriam mais terras, mais glória, mais popularidade e maiores riquezas. As regiões da Itália foram caindo uma por uma, nas mãos desse povo ambicioso e dotado de invejáveis qualidades militares, entre as quais uma excepcional capacidade de organização.

Dentro da cidade conquistadora nem sempre reinava a paz. Ao regime monárquico sucedeu um regime republicano, em que predominavam as pessoas mais ricas, e registraram-se novas lutas pelo poder. As dissensões internas não impediam as guerras de conquista, e longa série de vitórias tornaram os domínios romanos mais extensos. Em 275 A. C. toda a península itálica obedecia a Roma. Esta não era, então, capital de uma nação, mas, praticamente, a "dona da Itália". As populações peninsulares, com efeito, reconheciam a sua supremacia, por interesse ou receio, ou por ambos os motivos. Sabiam que não adiantava lutar e era melhor, portanto, estar em boas relações com o governo da cidade invicta.

Não bastava, porém, aos políticos e militares romanos, o controle da Itália continental. Queriam a Sicília, mas para tomá-la era preciso vencer Cartago, riquíssimo centro comercial. Houve longas lutas, e os perigosos rivais foram aniquilados. Entrementes, os romanos se haviam apoderado de quase todas as terras marginais do Mediterrâneo, inclusive a Espanha e a Grécia. Nem por isso, cessaram as conquistas: no primeiro século A. C. foram incorporadas ao Império a Gália (França atual) e grande parte da Bretanha (Inglaterra atual). Com a derrota do Egito, o Mediterrâneo transformou-se num "lago romano".

A expansão territorial era acompanhada de um processo de difusão e unificação de cultura. Por toda a parte em que os exércitos de

Roma impunham a sua vontade, espalhavam os conhecimentos artísticos e literários que esse povo de militares havia aprendido com a Grécia vencida.

Após confusos acontecimentos, no século I A. C., o poder caiu nas mãos dos imperadores, que passaram a governar ditatorialmente. Os domínios romanos tinham-se tornado imensos, compreendendo toda a margem do Mediterrâneo, e vastas terras da Europa, Ásia e da África. Os imperadores César e Augusto, inteligentemente, iniciaram uma política tendente a fazer com que desaparecessem as diferenças entre os habitantes de Roma e os de outras partes do Império.

As próprias circunstâncias justificavam o seu esforço, mas somente no século III A. C., o cobiçado título de cidadão romano foi estendido a todos os homens livres das possessões imperiais. As coisas haviam evoluído, e Roma deixara, definitivamente, de ser a dona de imensos territórios, para transformar-se na capital de uma grande nação.

Importantes mudanças estavam se processando, internamente. Dentre elas destacavam-se a decadência dos antigos costumes e a irresistível difusão do Cristianismo, embora a propaganda dessa doutrina fosse reprimida com incrível crueldade.

Bem pouco valeram as perseguições movidas aos pregadores do Evangelho pelas autoridades. Sua pacífica campanha de persuasão venceu todas as violências, e Constantino, em inícios do século IV A. C., reconhecendo a força que já possuíam os cristãos, concedeu-lhes inteira liberdade de culto. O Império se achava, então, seriamente ameaçado de invasões de povos do norte e centro da Europa: os Germanos. Estes, em fins do século IV e inícios do século V romperam as fronteiras e apoderaram-se dos domínios romanos do Ocidente. O poderio romano desaparecera, deixando a lembrança de grandes feitos militares. Bem pouca importância oferecem estes, porém, quando comparados com os três grandes serviços que Roma prestou ao mundo: a larga difusão da cultura herdada da Grécia, as bases da ciência do Direito, e, finalmente, a unificação dos povos".

R. HADDOCK LOBO

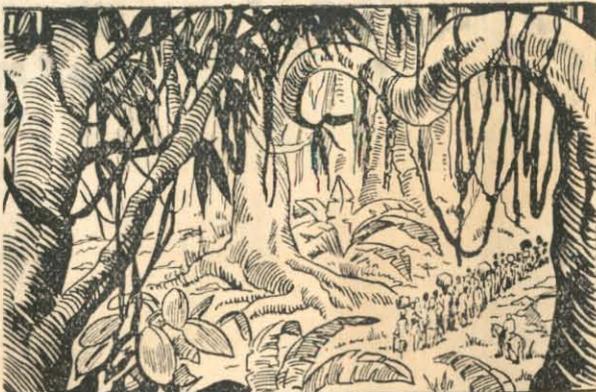
"História Geral", ciclo colegial.



AUDÁCIA E OBSTINAÇÃO MARCARAM
A VIDA DE FERNÃO DIAS PAIS QUE AO
DESBRAVAR A SELVA BRUTA VIVIA UMA
GRANDE AVENTURA



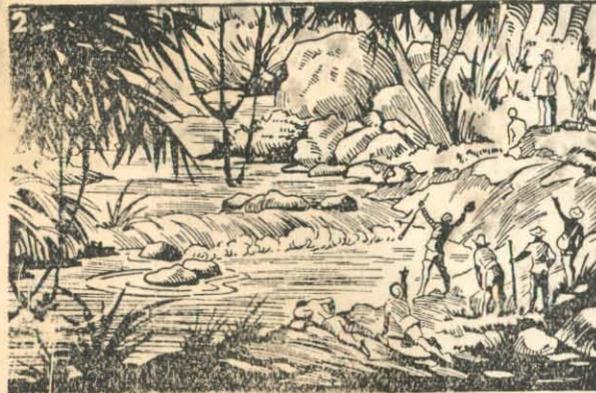
3 — Não esmorece o ancião. Quando se lhe esgotam os recursos, envia à esposa um mensageiro, pedindo provisões. Admirável de dedicação, a mulher sacrifica jóias e adornos para atender ao pedido. E Fernão Dias prossegue. Interna-se mais e mais, atingindo o sítio ainda hoje mal conhecido, da «Lagoa Encantada». O local é pantanoso. Há toccias sinistras de febres e feras. Os homens desesperam. Revoltam-se. Fernão Dias sufoca a rebelião, executando o próprio filho que conspira contra sua autoridade.



1 — Gandavo narrou bem pitorescamente a lenda da serra que os índios denominavam ITABERABABOÇU, resplandecendo de esmeraldas maravilhosas, que viriam constituir verdadeira obsessão para aqueles sertanistas admiráveis que, perlustrando o Tietê, o Paraíba e o São Francisco, plantaram cidades, violando os sertões. Foi para encontrar a serra maravilhosa, que chegava a rivalizar com o sol na intensidade do brilho, como afirmava o aborígene, que aquele ancião de alma espartana iniciou a aventura grandiosa que tem qualquer coisa de epopéia.



4 — Um dia acontece o milagre. Nas rudes mãos calosas daquele pugilo de bravos brilham, como estrélas verdes, pedras de todos os tamanhos. Fernão Dias, porém, estava vencido pela fadiga e pelas privações. A margem do rio das Velhas, exala o último suspiro. Mas as pedras prosseguem viagem, rumo a São Paulo. Garcia Pais, filho do grande chefe, as conduz. O desatamento não tarda. Não são esmeraldas, mas simples turmalinas verdes ou crisólitas...



2 — Seu nome era Fernão Dias Pais. Sua idade, 80 anos. A data, 1673. Suas credenciais: longa experiência do sertão. Onde se eleva, hoje, Sêro, nas cabeceiras dos rios Doce e São Francisco, chegou o sertanista audaz, após vicissitudes de toda espécie. Quatro anos ali permaneceu, destacando homens de sua confiança em todas as direções, à procura das pedras verdes. Passam-se os dias, os meses, os anos; avançam as privações. Fazem terríveis estragos as moléstias. Muitos desertam. Fernão Dias Pais é um louco, dizem os que regressam.



5 — A grande decepção, porém, não a teve o bandeirante audaz, que expirou embalado pelo seu sonho estupeficiente de riqueza. Mas não foi inútil o esforço de Fernão Dias Pais, que passou à História sob o nome de Fernão Dias Pais Leme, o Caçador de Esmeraldas. Graças a seu trabalho, o território de Minas Gerais estava descoberto e explorado em grande parte. E somente aquela grande terra recompensaria generosamente todas as audácias.

As Minas de Esmeraldas

«**N**OS últimos anos do século XVII, explodiram súbitamente em Lisboa as ansiosamente e por tão longo prazo esperadas notícias dos descobrimentos de fabulosos depósitos de esmeraldas e de ouro no sertão da capitania de São Vicente. Tão ricas e abundantes as jazidas, que a região se deu desde logo o nome de Minas Gerais.

Era o resultado de longa porfia iniciada cento e sessenta anos antes, desde o primeiro contacto dos colonos com a terra, levada a efeito com atividade incessante e com igual insucesso, através de dificuldades e obstáculos sem conta.

Ponto de partida havia sido um malentendido entre portugueses e índios.

Viviam estes em pleno período neolítico, na mais absoluta ignorância dos metais. As fainas a que estes serviam em povos mais adiantados, aqui se devolviam a instrumentos de pedras polidas, ossos ou mesmo de madeira.

Assim, quando os imigrantes inquiriam dos autóctones se possuíam minas de prata ou de ouro, os ignorantes selvícolas não entendiam a pergunta e acreditavam e respondiam com inteira boa-fé que se tratava de pedras brancas ou amarelas e, por isso, davam informação afirmativa de que existiam jazidas imensas em tais e tais lugares, a tantos dias de marcha da costa.

Por seu lado, o português, firme em sua compreensão acorde com a mentalidade européia, entendia a resposta como referente a metais. Escreviam e narravam os fatos à metrópole, hipnotizados por essas prometidas riquezas: ouro e prata abundavam, diziam eles, mais do que em Bilbao o ferro. E assim se formaria a lenda das divícias da colônia.

Hábitos dos índios era, em seu natural gosto pelos adornos, furar lábios, septo nasal e bochechas e introduzir nos furos pedaços de madeira polida ou de pedra, penas ou fragmentos de cristal ou de seixos brilhantes. Tais ornamentos chamavam-se *tembetás*. Alguns deles, vistosos e verdes, pareciam esmeraldas grosseiras, ainda não formadas, argumentavam os pesquisadores, convictos de que as gemas, como os frutos, eram produção natural do solo. Surgiu logo o boato de que o sertão brasileiro regorgitava de minas de esmeraldas e só isso se ouvia no reino.

Conseqüência lógica, o governo deu ordem para que se multiplicassem esforços a fim de localizar as zonas onde tais tesouros se poderiam encontrar. Iniciou-se nas capitánias, alvoroçado movimento para

se descobrirem as minas de que todos falavam, mas que ninguém conhecia.

Saíram muitas levas da cidade do Salvador, a Bahia de hoje, e de outros pontos da costa baiana, sob a orientação de índios; com indubitável boa-fé estes guiavam os aventureiros para as regiões que eles haviam indicado como a das pedras brancas e amarelas. Verdadeira comédia de erros, em que todos estavam animados da maior sinceridade, mas em que ninguém se entendia.

Chegados aos locais apontados, é claro que o erro se desfazia após a prova das areias e dos corridos, que resultavam improficuos e sem valia. Ai, entretanto, o malôgro gerava a desconfiança em ambos os grupos, cada qual acusando o outro de o ter propositalmente enganado.

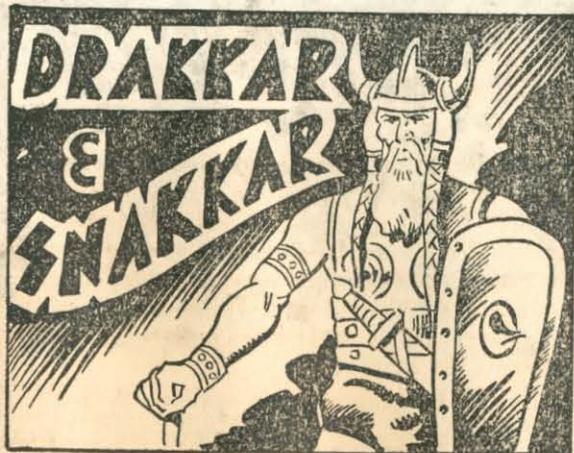
Exacerbavam-se os ânimos e isto pouco podia contribuir para renovar o azedume das relações reciprocas. Exaltavam-se cada vez mais os espiritos e tornavam suspeitas e mesmo inteiramente mal-intencionadas as aparências, quando, de fato, mero malentendido reinava entre gente falando línguas diferentes e pertencentes a estádios sociais muito afastados um do outro.

Uma dessas expedições mineiras logrou descobrir um pouco de ouro: na viagem de retôrno, águas abaixo do rio Cricaré, embarcou uma canoa e soçobrou nas corredeiras, precisamente a embarcação em que vinham as preciosas amostras.

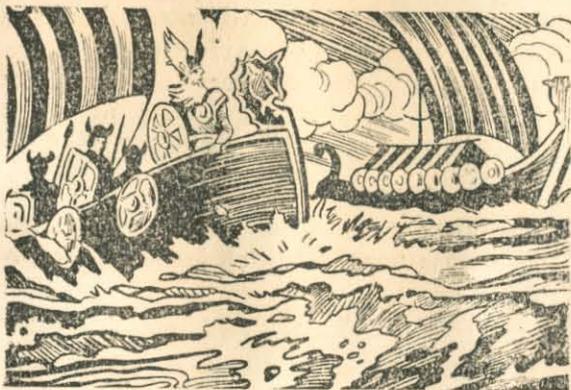
Alegando o descoberto, não poderia ser feita a prova.

Isso desanimou por extenso prazo tôdas as pesquisas na zona baiana. Ai a febre do metal nobre aquietou-se por muito tempo. Quanto às esmeraldas, não estavam os colonos tão longe de acertar. Os tembetás verdes faziam-se de tudo: podiam ser fragmentos de amazonite, um feldspato dessa cor; uma turmalina verde, na maioria dos casos; mas também acontecia serem berilos ou águas-marinhas, ambos pertencentes à familia mineral sistemática em que se inclui a esmeralda. Hoje esses três representantes da série dos silicatos de alumina e glúcina são perfeitamente conhecidos em Minas Gerais e suas jazidas estão sendo lavradas. Não era, pois, devaneio dos pesquisadores a arrancada para o sertão em busca das pedras verdes.

PANDIA CALÓGERAS
"Formação Histórica do Brasil".



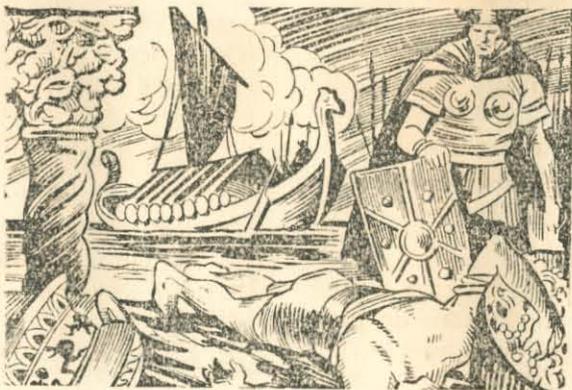
UM RASTRO DE SANGUE MARCAVA A PASSAGEM DAS LIGEIRAS E BELAS EMBARCAÇÕES DOS «VIKINGS», AUDACIOSOS PIRATAS ESCANDINAVOS



3 — Popas e proas mereciam especiais cuidados. As primeiras terminavam em cauda de serpente, enquanto as proas traziam esculpidas cabeças de dragões ou de serpentes, com as bocas escancaradas. Eram as drakkar e as snakkar. Drakkar as que traziam o ornamento do dragão; snakkar as que apresentavam a serpente. Dragão e serpente símbolos do terror, do devoramento implacável, dos assaltos fulminantes.



1 — Apoiado ao bastião de um fortim na costa do Languedoc, Carlos Magno, rei dos francos, imperador do Ocidente, príncipe dos lombardos, contemplava tristemente os pontos brancos que se movimentavam no mar, naquele ano de 801. É que ele previa a próxima invasão das costas francas pelos audaciosos piratas escandinavos, aqueles «homens do Norte» que não temiam o oceano, aqueles terríveis normandos que tinham o segredo da velocidade sobre barcos que deslizavam à força de velas e poder de remos, dominando os elementos.



4 — E as naves felinas semearam o terror pelas costas orientais da Europa. Durante a primavera, as frotas piratas deixavam suas enseadas nativas, e em grupos, guiadas por fogueiras que se acendiam de fjord em fjord demandavam a aventura. Um rastro de sangue marcava a passagem das ligeiras e belas embarcações dos «vikings», os reis do mar.



2 — Eles próprios se denominavam «vikings» que em seu idioma significava «reis do mar» e estavam organizados em «distritos». Longas embarcações de dezesseis remadores, um mastro e uma vela, constituíam os seus navios. A quilha dos estreitos barcos era chata de modo a permitir fácil abordagem das costas. Figuras estranhas, em côres, ornavam os barcos, onde todo espaço era aproveitado. As proas eram pintadas ou cobertas de escamas cintilantes. Os mastros dourados e a própria cordoalha não escapava ao colorido.



5 — O mais terrível dentre esses «vikings», que conheceram a América e descobriram a Groenlândia, foi Hasting, «arquipirata de todos os reis do mar», que depois de 843 apareceu na Europa, levando o terror a diferentes regiões. Devastou as costas da França, atingiu a península ibérica, incendiou Sevilha e Lisboa, arrazou Gibraltar, ateou fogo à Catalunha e à Toscana.

Os Normandos

«**N**ORMANDOS — *nordmannen*, homens do norte — foi a designação genérica dos piratas da Escandinávia, que, depois de pilharem, durante mais de um século, as costas da Europa, terminaram por fixar-se em algumas terras.

Dinamarca, Suécia e Noruega eram as pátrias desses assaltantes do mar que pertenciam a um dos ramos da grande família germânica. Quando seu nome principiou a se transformar em símbolo de terror, estavam divididos em pequenos agrupamentos soberanos dirigidos por chefes ou reis independentes que tinham sob sua autoridade reis tributários aos quais davam a denominação de "yarts"-condes.

"Reis do Mar" era o título que tomavam os comandantes das grandes expedições que se aventuravam nos oceanos. A pesca familiarizava os normandos com os segredos marítimos; o mar, a fascinação do mar, arrastou-os à pirataria, considerada, então, como fonte de fortuna fácil e modo de adquirir renome e glória.

As próprias mulheres participavam das grandes aventuras marítimas, entregando-se com entusiasmo às mais rudes tarefas nas embarcações primitivas.

É preciso considerar a natureza ingrata do solo que habitavam essas populações para bem compreender o motivo de suas incursões em busca de terras que lhes oferecesse o que lhes recusava o chão natal.

Daí as grandes imigrações, transformando a ação de piratas isolados em verdadeiro trabalho de grandes grupos, grandes aglomerações humanas.

Outros povos germânicos haviam precedido os normandos na aventura do assalto no mar: os saxões, por exemplo, e os habitantes da Jutlândia destacaram-se em expedições do gênero indicado.

A primeira menção aos Normandos, encontrada na História, tem a data de 517. Gregório de Tours conta que, nesse tempo, Teodoberto destroçara um grande grupo, no Mosa, o que livrou o império franco, durante três séculos, de novos assaltos normandos. Dirigiram-se estes, então, principalmente, contra o arquipélago britânico que lhes sofreu as investidas audaciosas.

Pela mesma época grandes lutas internas se travavam na Escandinávia. Na grande batalha de Bravalla, em 735, a elite dos guerreiros normandos sofreu sérios revezes. Mas a guerra de Carlos Magno contra os saxões, dos quais o chefe Wittikind havia, certa vez, procurado refúgio entre os normandos, pôs os guerreiros do norte novamente em contacto com os francos. No ano de 795 os daneses pilharam as costas da Friza. Já então encontravam-se fixados na Irlanda onde eram designados como os *Ostmans* (homens do oeste).

Em 810, o rei Godofredo, da Dinamarca, que acabava de romper hostilidades contra os aliados de Carlos Magno, atacou, novamente, Friza.

Em 827, os normandos levaram suas incursões até a Galícia e penetraram no Mediterrâneo. Em 841, depois da sangrenta batalha de Fontenai, em que pereceu a fina flor dos guerreiros franceses, não se encontrava mais país algum europeu em condições de resistir às invasões normandas.

Incendiaram Ruão, naquele mesmo ano, pilharam Nantes e Bordéus, desceram até a Espanha mourisca, e Sevilha, por um instante, esteve sob seu domínio.

Três vezes, sob o comando de Hastings, o mais terrível dos "Reis do Mar", devastaram as costas da Itália, penetrando, através do Loire, no coração da França, sem, todavia, conseguirem se apoderar de Tours, graças ao heroísmo de seus habitantes.

Em outra invasão, em 845, chegaram até Paris, obrigando Carlos, o Calvo, a aceitar um tratado de paz.

Não sendo possível vencer esses bárbaros, cuidaram diferentes reis de conquistar a simpatia de seus chefes. Hastings, o arqui-pirata, foi cumulado de honrarias, terminando por converter-se e receber, como prêmio, o condado de Chartres".

M. DEPPING

"*Histoire des expéditions maritimes des Normands*".



O BRASIL JÁ ESTEVE ARRENDADO A JUDEUS (FERNANDO DE NORONHA) QUE FORAM DOS PRIMEIROS COLONIZADORES DE NOSSA PÁTRIA



3 — Alguns historiôgrafos, como Rocha Pombo, pretendem que como náufrago de qualquer embarcação desgarrada ele tenha dado às costas brasileiras antes do descobrimento. Em S. Vicente grangeou imenso prestígio entre os selvagens, desposando Bartira, filha do poderoso chefe Tibiriçá. Quando, em 1532, Martim Afonso de Sousa fundou a primeira feitoria, foi precioso o auxílio de Ramalho, nomeado Guarda-Mor, a princípio, e mais tarde Capitão-Mor de Santo André de Borda do Campo. Quem era João Ramalho? De onde veio? Mistério!



1 — Nos séculos XIV e XV o estudo e a prática de várias ciências eram proibidos ou dificultados aos judeus, cujos intelectuais, em consequência, se dedicaram àquelas cujo acesso lhes era facultado, como, por exemplo, a Cosmografia e a Matemática, aprofundando-se, alguns, nos segredos da arte de navegar. Em Portugal, Abraão Zacuto e Geudo Ibn Veiga, foram verdadeiros sábios. Da frota de Pedro Álvares Cabral fez parte um judeu notável, Gaspar da Gama, de Goa, grande prático em viagens marítimas.



4 — A «História dos Israelitas no Brasil» diz a propósito de Ramalho: analfabeto, sua assinatura não constava de uma cruz, símbolo usado pelos católicos, mas de uma letra que foi tida por alguns como um cai, mas na realidade representava um reif, primeira letra do nome Ramalho. O erro em que caíram alguns historiadores deve-se à grande semelhança existente entre o cai e o reif na escrita do dialeto chamado rachi. Com efeito, as assinaturas de João Ramalho em vários documentos oficiais variam bastante, mas o reif é sempre igual.



2 — Por sugestão de Gaspar da Gama, Fernão de Noronha, também judeu, propôs ao rei D. Manuel, o arrendamento do Brasil por 10 anos, iniciando intenso comércio de pau-brasil. Num único ano, refere Capistrano de Abreu, foram extraídos vinte mil quintais da madeira que alcançava preços muito altos. Trazido pelas naus de Fernão de Noronha, estabeleceram-se em diferentes partes do país novo, vários judeus, notadamente em Pernambuco. Dos israelitas que auxiliaram a colonização de Santa Cruz, a figura mais interessante, porém, é a de João Ramalho.



5 — João Ramalho foi muito amigo dos jesuítas, que auxiliou grandemente em suas relações com o gentio. Pessoalmente, porém, sempre se recusou a aceitar e praticar os atos da religião católica. Pôrto-Seguro relata que, estando agonizante, recusou-se a receber o Padre Baltazar Fernandes, que desejava ministrar-lhe os últimos sacramentos. Guia e protetor das primeiras povoações portuguesas em São Paulo, João Ramalho continua sendo, apesar dos estudos e pesquisas já realizadas, um mistério na História do Brasil.

João Ramalho e Santo André da Borda do Campo

QUER sôbre a vila de Santo André, quer sôbre a vida de João Ramalho, anda a História ainda às tontas.

João Ramalho tem sido tudo na História, ao sabor dos historiadores. Para uns foi o precursor de Colombo, pisando em terras americanas antes que as caravelas do navegador genovês fundassem nas águas das Antilhas. Para outros é o náufrago que, ao Brasil, aportou nos dias sombrios em que Portugal deixou a terra de Santa Cruz em pleno abandono. Para Cândido Mendes não é outro senão o muito conhecido "bacharel de Cananéia", que a História até hoje não pôde identificar definitivamente. Para outros, um aventureiro ignorante.

O que êle é, até hoje, nestes dias de pesquisas, é um ponto de interrogação.

O arraial de Santo André continua com a mesma sorte do seu fundador. Ninguém sabe em que local do planalto paulista João Ramalho fundou o seu povoado.

Até o presente, não se pôde determinar o lugar em que existiram os primeiros fundamentos do mais antigo dos núcleos populosos de São Paulo.

Que ambos existiram — o arraial e o fundador — é que não há mais dúvida. Para muitos, o arraial de Santo André da Borda do Campo não era mais que uma furna de bandidos, um numeroso rancho de malfeitores, colocados no planalto paulista, logo após as muralhas da cordilheira do Mar, ali vivendo como salteadores terríveis, escravizando indígenas, de arcabuz e flecha impedindo que alguém transpusesse os sertões incultos. João Ramalho não era mais que o maioral dessa quadrilha.

É provável, é mesmo quase certo, que a população que fervia nas ruas de Santo André não fôsse a mais dócil e a mais angélica daqueles tempos ásperos.

Não seria possível existir no coração da selva, numa quadra de aventura e fome de riquezas, uma população de santos. As surpresas da floresta desconhecida, as emboscadas dos índios indomáveis, e principalmente o ambiente da época, haviam de tornar os homens afoitos e bravios.

Mas, a verdade é que Santo André da Borda do Campo teve uma organização social e uma organização política. Ninguém hoje pode

duvidar disso, depois que o Sr. Washington Luiz fêz publicar as velhas atas da municipalidade do remoto arraial de João Ramalho.

Em Santo André não mandava quem queria, nem João Ramalho era o poder autoritário e supremo. Havia uma municipalidade, havia um poder legislativo, havia o que hoje chamamos prefeito e que, naquele tempo, era chamado juiz.

A lei tinha um rigor feroz; os assuntos públicos, um tom de seriedade, que hoje absolutamente não existe nas mais perfeitas sociedades organizadas.

No período quinhentista, o dinheiro não tinha o mesmo valor de hoje. Basta dizer que o descobrimento da América não custou muito mais de sete contos de réis ao govêrno de Espanha. Um cruzado era quantia fabulosa.

Cabral, quando fêz a viagem às Índias, da qual resultou o descobrimento do Brasil, ganhava rêgiamente. Vencia, pela viagem de ida e volta, a soma incrível de quatro contos de réis. Cada um dos comandantes das náus recebia um conto e duzentos, ida e volta. Os pilotos ganhavam duzentos mil-réis pela viagem; os marinheiros quatro mil-réis por mês; e os soldados dois mil-réis apenas.

Fernão de Magalhães não descobriu, para Portugal, o estreito que tem o seu último nome, porque el-rei D. Manoel não o quis gratificar com seis escudos, cêrca de nove mil e seiscentos réis na moeda atual.

Na época em que o povoado de João Ramalho floresceu, o governador geral do Brasil percebia dos cofres públicos o imenso ordenado de trinta e três mil trezentos e trinta e três réis mensais. O bispo não recebia mais que a metade. O oficial do governador geral só recebia quinhentos réis por mês e vivia como um príncipe.

Na própria vila de Santo André, os ordenados eram apertadíssimos. O prefeito ganhava oitocentos réis por ano (dois cruzados). O porteiro da Câmara satisfazia-se com quatrocentos réis anuais.

VIRIATO CORREIA
"Terra de Santa Cruz".



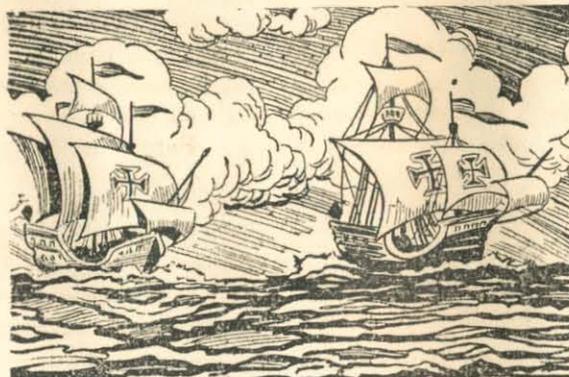
COMO A PROA DE IMENSO NAVIO, AVANÇAVA SÓBRE O MAR O PROMONTÓRIO DE SAGRES, ONDE D. HENRIQUE ESTABELECEU A SUA ESCOLA



3 — Informações as mais diversas, trazidas por marinheiros e mercadores; lendas, narrações autênticas e fabulosas; relatórios sôbre o poder e as riquezas dos régulos orientais, tudo era cuidadosamente arquivado e estudado em Sagres, frequentada pelos mais diferentes tipos de homens. E principiaram os progressos. Aos primitivos barcos — naus, galés, fustas, bergantins — vieram juntar-se novos tipos, inclusive a caravela, mais veleira e de mais restrita guarnição.



1 — Foi depois de 2 de setembro de 1415, após a vitória portuguesa contra os mouros, em Ceuta, que, no espírito inquieto e deslumbrado do Infante de Portugal, D. Henrique, filho de D. João I, se formou o projeto imenso de conquistar novas terras, dilatando o poder do reino e a Fé. Para isso era preciso, porém, desvendar os segredos do mar e do céu, criar pilotos e marinheiros, tóda uma escola de navegação. Resolveu renunciar a tódas as pompas do mundo para viver dedicado exclusivamente ao seu grande sonho.



4 — Os instrumentos náuticos aperfeiçoavam-se, enquanto se retificavam aquelas fabulosas Cartas medievais, de acordo com as novas informações. Atirou-se, então, à aventura, o esplêndido grupo de nautas de Sagres. E principia a vitória sôbre o mar, naquele 1417 em que João Gonçalves Zarco e Tristão Teixeira descobrem Pôrto-Santo e Ilha-da-Madeira. E vêm a ocupação das Canárias, em 1424, a descoberta dos Açôres, em 1432, a vitória sôbre o Cabo Bojador, em 1535, por Gil Eanes. Portugal transformava-se numa potência marítima.



2 — No ano seguinte, no triste e árido promontório de Sagres, ponto mais ocidental da Europa, estabelecia, com alguns fidalgos e familiares, os fundamentos de sua escola de estudos náuticos. O famoso Cosmógrafo de Malhorca fôra contratado para instruir o Infante e seus homens. E, verdadeiro espírito do Renascimento, D. Henrique aliou imediatamente a teoria à prática, o estudo das estrelas à ciência de marear. O astrônomo e o marinheiro tinham de confundir-se se se queria, realmente, desvendar o segredo dos mares.



5 — A 13 de novembro de 1460, com 67 anos, morria o Infante Glorioso. Morria em Sagres — capitão na ponte do comando — sonhando, ainda, com novas vitórias. Dera a Portugal terras e mais terras, desde Pôrto-Santo até os Açôres, Cabo Verde, costa da África, até Serra Leoa, Guiné. E pelos caminhos que o seu gênio traçara, o grande Vasco da Gama haveria de fundar um Império, transformando a História da Europa, poucos anos mais tarde.

Origens de Portugal

«A OS lusitanos compete, pela sua venerável antiguidade, o lugar preeminente na escala dos primeiros povoadores de Portugal. As mais remotas notícias os mencionam como os primitivos habitantes das terras altas a ocidente de Ibéria, rudimentarmente organizados numa federação de cerca de trinta tribos, ocupando quase todo o norte do atual Portugal e parte da Estremadura espanhola, e constituindo, segundo um autor grego, "a mais poderosa das nações ibéricas".

Meio-guerrilheiros, meio-pastores, de costumes bárbaros e essencialmente belicosos, andavam sempre armados, vivendo em perpétuo estado de guerra com os povos vizinhos. As armas eram a espada curta, o escudo redondo e côncavo de dois pés de diâmetro, a lança, o cutelo, o punhal e dardos de cobre. Serviam-se de cavalos para a guerra, montando em cavalo geralmente dois homens, um dos quais se apeava, ao entrar em combate. Vitoriosos, cortavam a mão direita aos vencidos, e liam augúrios nas entranhas ainda fumegantes de um prisioneiro votado ao sacrifício, pois prestavam culto a um politeísmo grosseiro, em que sobressaíam os dois deuses da guerra e um certo deus superior — Endovélico — talvez comum a outros povos da Ibéria.

Frugais e sóbrios, mas ágeis e fortes, dormiam no chão duro, banhavam-se em água fria, alimentavam-se de pão de farinha de bolotas de leite, de manteiga, de mel, raras vezes de carne de bode, e bebiam por vasos de cêra uma espécie de cerveja ou cidra. As mulheres ataviavam-se de côres garridas; os homens vestiam-se em geral de negro ou côres sombrias, com samarras de lã ou pele de cabra, e deixavam crescer os cabelos como as mulheres, atando-os em tufo ao alto da testa para entrarem em combate. As festas eram jogos ginásticos, de pugilato e corrida, ou danças guerreiras à maneira das pirricas dos lacedemônios.

Como virtudes comuns a outros povos ibéricos, todos os autores antigos dão testemunho da sua intrepidez heróica, resistência física e lealdade levada ao sacrifício da vida; mas extremamente individualistas, ciosos de liberdade, orgulhosos, insubmissos a tóda a autoridade regular, só a guerra os compelia a eleger e acatar um chefe. Por isso, os in-

terêsses coletivos eram tratados tumultuosamente em grandes assembleias que tinham ainda certo caráter militar, pois era batendo nos escudos com as espadas que os homens aprovavam as resoluções propostas.

Com gente de tal índole não deve surpreender que a Lusitânia tivesse sido um perpétuo campo de batalha e que as sucessivas invasões que sofreu, tivessem sido assinaladas por sobre-humanos rasgos de heroísmo. Foram os fenícios os primeiros povos estrangeiros que, talvez por fins do século XV, A. C., estabeleceram comércio e fundaram colônias no litoral da Lusitânia. Povo semita do Levante, o seu gênio, essencialmente mercantil e marítimo, exercia-se de preferência, por meios pacíficos, para o comércio e para a exploração de minas. Nesse intuito se internaram em várias regiões da Península, levando aos iberos as primeiras luzes da civilização mediterrânea — a moeda, as indústrias, as artes e talvez mesmo o conhecimento do alfabeto. Assim chegaram a exercer um domínio positivo em várias regiões da Ibéria, sobretudo pela superioridade de sua cultura; mas, sendo de crer que nem sempre essa dominação tivesse sido aceita sem resistência, nenhuma notícia escritas chegaram até nós, dessas prováveis lutas.

Com a queda de Tiro, metrópole fenícia, findou na península a sua dominação. Foi então que, por seu turno, os gregos do Grande Século vieram fundar colônias nas costas ibéricas do Mediterrâneo e Atlântico, tendo, por isso, chegado também à Lusitânia, embora remotamente, o reflexo da superior civilização helênica.

Mais tarde os cartagineses, descendentes diretos dos fenícios, já senhores da navegação e de inúmeras colônias no Mediterrâneo, expulsaram por sua vez os gregos, do litoral da Península: e, no século III A. C., depois das vitoriosas campanhas de Hamilcar Barca, impuseram o seu jugo militar e político aos territórios do sul do Ebre e a várias tribos da Lusitânia".

CARLOS SELVAGEM

"Portugal Militar".



FRANCISCO DO NASCIMENTO, O «DRAGÃO DO MAR», FOI O PRIMEIRO A DAR O GOLPE DE MORTE NA ESCRAVIDÃO, EM SUA TERRA NATAL



3 — Tal atitude provocou vigorosa reação contra os abolicionistas, havendo sido presos e processados diferentes membros da «Sociedade Libertadora Cearense», acusados de incitamento à revolta e atentado à propriedade particular. Levados a julgamento foram absolvidos unanimemente. Estava-se, então, no ano de 1881, e em agosto grande conflito com os jangadeiros agitava Fortaleza, já então doutrinada intensamente pelos articulistas de «O Libertador», jornal que com admirável coragem condenava a «exploração do homem pelo homem».



1 — José do Patrocínio chamava o Ceará «terra da luz», por ter sido a primeira província brasileira a dar liberdade a seus escravos. Desde 1880, com efeito, os cearenses trabalhavam pela libertação do elemento servil, fundando sociedades abolicionistas, iniciando intensa propaganda contra o instituto infamante. Os proprietários de escravos, tomados de pânico, resolveram, à vista do que acontecia, embarcar suas «peças» para outras províncias, a fim de vendê-las.



4 — A ação conjugada dos trabalhadores do mar e dos trabalhadores da inteligência, não tardou a ser vitoriosa. Em 1884, a cidade de Acarapé libertava seus escravos, imitando a do Acarape, depois Redenção, que desde o ano anterior já não mais possuía trabalhadores forçados. No mesmo ano, 28 outros municípios tinham igual procedimento e a 25 de março, finalmente, a despeito de todas as perseguições, o Ceará podia utamar-se de não mais possuir em seu território um único escravo.



2 — Naquele tempo, os embarques e desembarques em Fortaleza eram realizados com o auxílio de pequenas embarcações, notadamente jangadas. Francisco do Nascimento, apelidado, por sua bravura, «dragão do mar», chefe dos jangadeiros, recusou-se terminantemente a transportar escravos em sua jangada. Seu exemplo frutificou imediatamente. Em pouco os demais trabalhadores marítimos imitavam o chefe, tornando assim praticamente impossível a saída de africanos do Ceará.



5 — O «dragão do mar» e seus bravos companheiros haviam vencido, finalmente. No mesmo ano de 1884, a Jangada de Francisco do Nascimento, ou melhor a «jangada libertadora», foi trazida ao Rio de Janeiro e entregue ao Museu Nacional, então dirigido pelo sábio Ladislau Neto, fato esse que provocou vivas críticas no Parlamento do Império. Posteriormente, em 1886, a jangada foi transferida para o «arsenal de Marinha da Côrtes», de onde desapareceu, perdendo-se assim a mais bela relíquia do Movimento Abolicionista no Brasil.

A respeito da escravidão

«O navio chegou.

O negro depois de passar pela alfândega é transportado para os mercados, vastos ranchos semelhantes a cocheiras, instalados no Valongo, onde permanece à espera de comprador, o que geralmente não demora. Êste chega, apalpa a musculatura do negro, olha-lhe os dentes. Mira-o bem. E faz-se o negócio.

Imediatamente, então, compra-lhe o senhor roupas que lhe agradem: a faixa de côres para a cintura, o paletó azul, o cobertor de lã de côres vivas, amarelo e vermelho. No trajeto do mercado ao engenho, o escravo é bem-alimentado e carinhosamente tratado. A dar crédito a Rugendas, "muitas vêzes vê-se chegar ao rancho o colono, com o cavalo na garupa ou conduzindo pela rédea o cavalo que o carrega".

Escravo chegado de fresco não era mandado desde logo para o trabalho — embora se possa pensar o contrário. Passava certo tempo sem trabalhar até se acostumar ao novo *habitat*. Geralmente, o escravo recebia uma faixa de terreno onde podia construir sua choça e plantar o que lhe aprouvesse. Foi com o produto de sua pequena lavoura que a maior parte dêles juntou o pecúlio para a carta de alforria.

O negro foi indispensável dentro de casa. Indispensáveis os negrinhos. Fazendo cafuné em sinhá-dona, rindo e mexericando. Indispensáveis os molequinhos pulando com sinhô-moço.

Vilhena em suas "Cartas" exclama espantado: "é tão dominante a paixão de ter negros em casa que logo que êle seja cria que nasceu nela, só por morte é que dela sai, havendo muitas famílias que das portas para dentro têm 60, 70 e mais pessoas desnecessárias".

Na cozinha o domínio do negro foi absoluto. Impôs seu paladar, impôs seus condimentos, seus pratos prediletos. Foi êle que introduziu o "quingombô", o azeite de dendê, o vatapá, o quibebe, as peixadas cheias de complicações de tempêro, as farólias variadas.

A saúde do escravo preocupou o senhor. Naturalmente que o egoísmo foi que ditou essa preocupação. Mêdo de perder escravo. Mêdo justo porque o escravo constituia uma riqueza, um patrimônio, e, nos fins do Tráfico, muito difícil era comprar um único negro.

Em 1861, mais ou menos, instituiu-se o "Seguro de Vida" para o negro, em beneficio do dono. No Museu Histórico Nacional encontra-se uma apólice com os seguintes dizeres:

CIA. MÚTUA DE SEGURO DE VIDA DOS ESCRAVOS

Seguro de rs. 1.000\$000.

Seguro nr. 3.352 — Apólice nr. 8.216

Prêmio 67\$500

Sêlo cap. 1\$850

69\$300

Ocupação: ganhador. Idade: 38 anos.

Segura a Companhia Mútua de Seguro de Vida dos Escravos, ao Revmo. Padre Domingos Manuel Lopes Amaro, a quantia de um conto de réis, valor em que foi estimado o prêto Miguel, da nação Congo, cujos sinais ficam na companhia pelo tempo a decorrer da data de hoje até 1/2 noite de 31 de maio de 1865, e tudo na conformidade dos Estatutos da Companhia, ao prêmio de 4 1/2 por cento ao ano que recebemos ao fazer esta, em moeda corrente. Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1863. O Diretor: José da Vitória. O Gerente: Gaston. . . . (resto ilegível".

Mas voltemos à saúde do negro. Escravo no Brasil, principalmente no período colonial adquiriu o estranho vício de comer terra. A cura dessa enfermidade, responsável pela morte de muitos, não se efetuava com medicamentos. O tratamento consistia em aplicar à boca do paciente um estranho instrumento denominado freio, que o impedia de descerrar os lábios.

Prêto morria como qualquer pessoa da família de branco. Confessando-se, comungando, encomendando a alma a todos os santos. "Enrolavam-se os cadáveres em esteiras; e perto da capela ficava o cemitério dos escravos, com cruces de pau prêto assinalando as sepulturas", diz Gilberto Freyre.

Sepulturas cristãs, portanto. Aliás, muito curioso, diga-se de passagem, o sentimento de religiosidade do colonizador profundamente incoerente, que, ao mesmo tempo que reclamava da autoridade permissão eclesiástica para o "negro trabalhar no santo dia de domingo" e mandava o feitor aplicar-lhe o "bacalhau" sem piedade, cuidava que o escravo morresse cristãmente, ouvisse missa, comungasse, acompanhasse procissões" . . .

SÉRGIO MACEDO

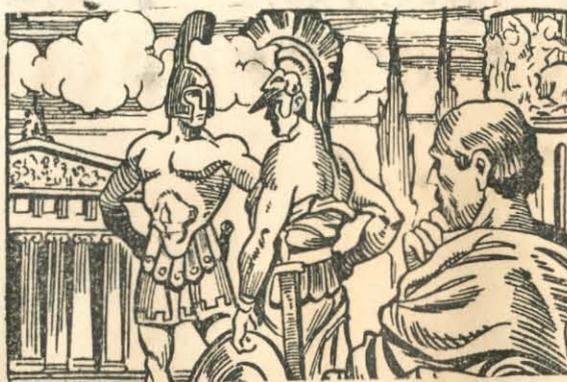
"Apontamentos para a História do Tráfico Negro no Brasil".



GRAÇAS A BELEZA INVULGAR DE HELENA HOUE A GUERRA DE TRÓIA E COM ESTA SURGIU O POEMA IMORTAL DE HOMERO



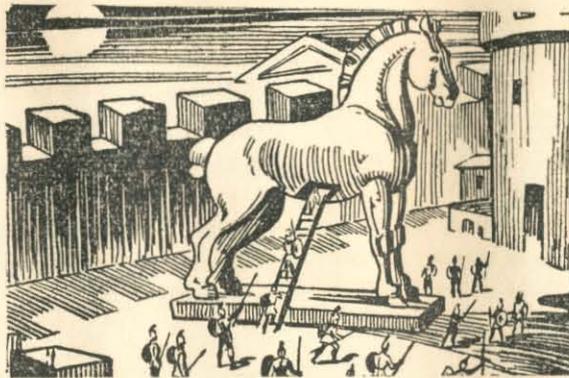
3 — Na ausência de Menelau, Páris raptou Helena, conduzindo-a para Ilião, que os gregos chamavam Tróia. Diante do ultraje, Menelau convocou todos os príncipes do país, que haviam, por ocasião de seu casamento, assumido o compromisso solene de defender Helena se alguma vez se fizesse necessária essa defesa. Agamenon, irmão de Menelau, foi eleito «senhor dos gregos e chefe da guerra». E resolveram, então, fazer guerra aos troianos. Aquiles, o bravo Ulisses, o astucioso Nestor, eram os mais notáveis chefes militares empenhados nessa tremenda guerra.



1 — Na Ásia Menor situava-se o reino de Ilião ou Tróia, governado pelo sábio e forte rei Príamo, cuja esposa, a conformada Hécuba, lhe havia dado numerosos filhos, entre eles Heitor; de rara coragem e Páris, cuja beleza máscula os próprios deuses invejavam. Certo dia, à hora em que os céus nativos se envolviam num sudário de violeta, pranteando a morte do sol que entrava no colapso cotidiano, Príamo chamou Páris e depois de olhar aquele corpo de formas tão puras, confiou-lhe importante missão: ir à poderosa Esparta como embaixador especial.



2 — Esparta era uma daquelas famosas cidades-Estado da Grécia. Menelau, seu soberano, possuía, entre outros, um tesouro inestimável: era casado com a mulher mais bela que a face do sol já contemplara: Helena, cujos olhos encerravam o mistério das noites, cujas mãos pareciam somente feitas para machucar rosas. Quando Páris chegou a Esparta e seus olhos pousaram sobre aquele conjunto de graças, sentiu-se, de pronto, enleado pelas teias sutis de uma paixão avassaladora. Daí para diante seria impossível viver sem a doce Helena...



4 — E o grande exército navegou para Tróia. Desembarcando na costa sitiou a cidade. Dez anos durou o cerco, dez anos em que se travaram batalhas sobre batalhas, combates singulares entre os chefes inimigos. Dez anos fartos dos mais variados episódios, inclusive dissensões entre Agamenon e Aquiles, e a luta de Aquiles com Heitor, o mais valente dos guerreiros troianos. E não fora a astúcia de Ulisses, que inventou o famoso cavalo-de-pau, introduzido nas muralhas de Tróia, talvez a guerra continuasse.



5 — É esse o tema da «Ilíada», poema em 24 cantos, atribuído a Homero e considerado a obra-prima da poesia épica. Há quem afirme Homero nunca ter existido, tendo sido a «Ilíada» composta por diferentes rapsodos (poetas populares). Alguém teria reunido, séculos mais tarde, os episódios esparsos, dando-lhes unidade. Discute-se, além da existência real de Homero, a autenticidade de vários episódios da guerra de Tróia. Seja como for, a «Ilíada» é o mais imponente dos cantos épicos, o maior monumento literário erguido à força da beleza feminina.

Os Gregos

«**C**OMO a maioria dos povos arianos, os gregos tinham cantores e recitadores, cujos cantos e poemas eram forte vínculo social. Eles transmitiam de geração em geração a história das origens bárbaras de sua gente, reunida em dois grandes poemas: a *Iliada*, que narra como tribos gregas aliadas tomaram e saquearam a cidade de Tróia, na Ásia Menor, e a *Odissêia*, que é longo relato cheio de aventuras do regresso de Ulisses, o prudente capitão, de Tróia para a sua ilha natal. Esses poemas foram escritos no século VIII ou no VII antes de J. C., quando os gregos obtiveram de vizinhos mais civilizados o conhecimento do alfabeto. Há motivos, porém, para crer que existissem muito tempo antes dessa época. Atribuía-mos outrora ao poeta cego Homero, que os teria cantado e composto como Milton fez com o "Paraíso Perdido". Pouco nos importa que tal poeta tenha existido, composto seus poemas ou tenha somente tomado e polido os antigos. São discussões de eruditos que não nos interessam. Basta-nos saber que os gregos possuíam seus poemas épicos no século VIII A. C., e que os mesmos constituíam um legado comum e um vínculo que ligava as diversas tribos, dando-lhes o sentido de sua solidariedade contra os bárbaros do exterior. Essas tribos gregas eram um grupo de nações parentas, unidas entre si pela língua, em primeiro lugar falada, depois escrita, e que partilhavam do mesmo ideal de coragem e de virtude.

Os poemas épicos descrevem os gregos como um povo ainda bárbaro, que não conhecia ainda o ferro, que não aprendera o uso da escrita e que ainda não habitava cidades. Viviam, sem dúvida, ao comêço, em aldeias abertas, compostas de cabanas agrupadas em volta das habitações de seus chefes, fora das ruínas das cidades egéias que tinham destruído. Rodearam mais tarde suas cidades de muralhas e receberam dos povos conquistados a idéia de templos. Os gregos começaram a comerciar e a fundar colônias. No século VII, A. C. nova série de cidades havia surgido nos vales e ilhas da Grécia, esquecidas das cidades egéias e das civilizações que a tinham precedido. Assim foram Atenas, Esparta, Corinto, Tebas, Samos, sem olvidar Mileto. Existem já

estabelecimentos gregos ao longo do litoral do Mar Negro, na Itália e na Sicília. Ao sul da Itália chamavam a Grande Grécia. Marselha era uma cidade grega fundada no local da antiga colônia fenícia.

As regiões de grande planície ou aquelas que têm como principal meio de transporte um grande rio como o Nilo ou o Eufrates têm uma tendência a se unirem, adotando uma lei comum. As cidades do Egito e as da Sumária, por exemplo, ligavam-se entre si por um mesmo sistema de govêrno. Mas os diversos povos gregos vivendo, uns nas ilhas, outros em vales alpestres, pois a Grécia era tão montanhosa quanto a Grã-Bretanha, uma tendência individualista, proveniente dessa heterogeneidade, as impediu de se unirem sob um mesmo govêrno. Quando os gregos surgem na história, estão divididos em grande número de pequenos Estados, sem a menor coesão. São diferentes até na raça. Alguns se formaram unicamente como cidadãos desta ou daquela tribo grega (jônica, eólia ou dórica); outros têm uma população mestiça de gregos e de descendentes dos pre-gregos do Mediterrâneo; outros ainda se constituem de homens livres, dominando uma população conquistada ou escravizada, os ilotas, em Esparta. Em certos dêsses pequenos Estados, as velhas famílias dirigentes arianas se tornaram uma aristocracia fechada; em outros, uma democracia; em outros ainda, há os reis eleitos ou hereditários, ou usurpadores ou tiranos.

As condições geográficas que tinham conservado na Grécia os diferentes Estados divididos fizeram com que permanecessem pequenos. Os maiores eram menores do que muitos condados inglêses. É pouco provável que sua população fôsse além de trezentos mil habitantes. Poucos mal chegavam a cinqüenta mil. Uniam-se por laços de amizade e interêsses comuns, porém, ficaram independentes uns dos outros. À medida que o comércio se desenvolvia, as cidades gregas formaram ligas, concluíram alianças, as pequenas pondo-se sob a proteção das grandes".

H. G. WELLS

"Pequena História do Mundo".

A GÔTA DE SANGUE DA REPÚBLICA

SEMPRE HOUVE, AFINAL, QUEM TENTASSE, COM O SACRIFÍCIO DA PRÓPRIA VIDA, DEFENDER A MONARQUIA AGONIZANTE



3 — A guarda de Deodoro avança, resoluta. Num instante Ladário está cercado. O cadete Pereira de Carvalho, do 1º Regimento, atira contra ele. O sargento Cenobelino da Silva vibra-lhe um golpe de espada, enquanto outros oficiais do mesmo destacamento se atiram contra o ancião. Ferido, humilhado, impossibilitado de qualquer movimento, Ladário cai por terra, sendo conduzido ao Palacete Itamarati — tão ligado a episódios vividos nos primeiros tempos da República — onde seus ferimentos são pensados.



1 — Frente ao velho «Quartel do Campos», a força militar estacionava. Lá dentro, praticamente prêsso, o ministério Ouro-Preto. Era manifesta a indecisão de alguns comandantes, quando, repentinamente Deodoro avista um carro que se aproxima a galope. Ele bem conhece o carro. Pertence a José da Costa Azevedo, barão de Ladário, ministro da Marinha, que regressa do Arsenal, até onde fôra determinar medidas de defesa do regime prestes a desaparecer. Deodoro não vacila: ordena ao jovem tenente Adolfo Pena Filho que prenda o barão.



2 — Pena Filho vai ao encontro do carro, apeia-se do cavalo e dirige-se ao ministro da Marinha no instante preciso em que este deixa o veículo. Ladário ouve. E, rápido, sem nada dizer, saca do bôlso um revólver, aponta-o contra o tenente e dá ao gatilho. A arma nega fogo, porém. Por sua vez, o oficial alveja o ministro. Mesmo ferido, Ladário atira sem êxito contra Deodoro que se aproxima.



4 — A República, pois, não foi proclamada sem protestos, sem a sua gôta de sangue, para honra, afinal, dos monarquistas, que se conduziram, no caso, da maneira mais lamentável possível. O ataque a Ladário foi o sangue. O protesto, êsse partiu do próprio exército, na pessoa de um comandante de corpo, no momento mesmo em que as forças revolucionadas, no dia 15 de novembro, se aprestavam para marchar. Isto aconteceu com o comandante de um Regimento, fiel à monarquia e esperançoso de frustrar o movimento revolucionário.



5 — O major Lóbo Botelho, comandante do 1º Regimento de Cavalaria, mandou formar seu regimento, declarando não acreditar que o movimento delagado tivesse por fim a queda da monarquia. Mandou desfaldar a bandeira, enquanto gritava para a tropa formada: «Camaradas, ergamos um viva ao imperador e ao Império do Brasil!» Como mostraram os acontecimentos, o major ficou só. É sempre bom registrar que os grandes movimentos nacionais não se verificaram diante da apatia generalizada.

A República e Deodoro

«**D**EODORO também por esse tempo, pelo menos, não pensava em dar caráter republicano ao movimento. Das suas atitudes e palavras o que se depreende é que Deodoro vacilou muito, oscilando, numa penosa crise de consciência, entre a Monarquia e a República, ou melhor, entre D. Pedro e a República. Os republicanos assediaram Deodoro e Benjamim teve o principal papel no trabalho de conversão do caudilho. Em 10 ou 11 de novembro reuniram-se todos eles, Benjamim, Quintino, Aristides Lobo, Glicério e outros na casa do próprio Deodoro para levá-lo ao golpe republicano. Deodoro ficou longamente hesitante. Devia ser grande a luta íntima que travou consigo mesmo com a sua própria consciência. Por fim, a uma exortação mais veemente de Benjamim, cedeu. "Eu queria acompanhar o caixão do Imperador, que está velho e a quem respeito muito", disse, tomado de uma súbita onda de ternura pelo imperante a quem era grato e de quem era amigo. E depois, já "fixado": Éle assim o quer, façamos a República.

Sente-se dessas palavras que Deodoro assentiu em destronar o Imperador, à última hora, com dificuldade, recalcitrando, como que arrastado, vencido, cedendo à pressão de uma força estranha à sua própria vontade. Só depois da conferência de 11, com Benjamim e outros republicanos, é que éle resolveu imprimir ao movimento, que planejara contra o Gabinete, um sentido republicano, inteiramente fora do seu pensamento inicial.

O esforço catequizante de Benjamim fôra realmente eficaz, porque a 12 de novembro, num encontro com o então coronel Jacques Ourique, Deodoro parecia francamente decidido na sua adesão à República:

"Jacques, eu também sempre fui monarquista, ainda que desgostoso e descontente nestes últimos tempos, disse éle. Agora é forçoso convencer-mo-nos de que com a monarquia não há salvação possível para a Pátria, nem para o Exército. Já temos provas de que, depois de tudo o que fizemos, eles seguiriam a mesma senda e tratariam de aniquilar o Exército. E, demais, a República virá com sangue, se não formos ao seu encontro sem derramá-lo".

Esta resolução, assim tão definida, parece, entretanto, que esmorecia à medida que o caudilho caminhava para o desfecho do dia 15. Dir-se-ia que Deodoro voltava de novo a vacilar sob a ação de vários sentimentos descontrolados.

Esta indecisão como que persistiu até o instante mesmo do golpe-de-força, que haveria de derrubar o trono. Conta, com efeito, o próprio Visconde de Ouro Preto que Deodoro lhe dissera, por ocasião da intimação no Quartel General, que "ia levar ao Imperador a lista dos novos ministros". Ora, isto prova que, *naquele instante pelo menos*, o pensamento de Deodoro já não era o de Benjamim — isto é, da República; mas sim, o de Pelotas — isto é, a derrubada do Gabinete.

Tudo dá a entender que esse estado de indecisão de Deodoro, esta flutuação moral continuou ainda mesmo depois de realizada a deposição do Gabinete. O golpe fôra dado pela manhã, e já pela tarde não havia ainda nenhum ato positivo de Deodoro como indicando a proclamação da República.

Os republicanos inquietaram-se e começaram a ficar apreensivos.

Dizia-se que, depois do fato consumado, os chefes do movimento militar tinham encarado a gravidade da situação e hesitavam em arcar com as responsabilidades de uma subversão do regime. Era tão positiva a indecisão de Deodoro, que Benjamim também se mostrou reticente quando os republicanos, chefiados por Glicério, foram em magote até à casa de Deodoro com o fim de dissipar a incerteza em que estavam e proferir declarações. Recebidos por Benjamim, este não fez nenhuma afirmação categórica e chegou a declarar que o novo governo consultaria em tempo a nação para que esta decidisse de seus destinos.

Os republicanos compreenderam imediatamente a realidade da situação e começaram a agir com rapidez e extrema habilidade, no intuito de evitar que a vitória acidental do seu pensamento se resolvesse num fracasso final. Com este fim acercaram-se de Deodoro e começaram a adensar em torno dele uma atmosfera poderosa de sugestões, tendentes a abalar em favor da República a sua sensibilidade de emotivo. Era Quintino, era Glicério, era Benjamim, principalmente. Sem este grupo de entusiastas e dedicados, tudo parece indicar que a República seria, a 15 de novembro, uma tentativa abortícia, com uma duração momentânea de relâmpago — como aquêle "Ministério das nove horas", presidido por Vasconcelos.

OLIVEIRA VIANNA
"O Ocaso do Império".



SAIU PARA O MUNDO, DE FLORENÇA,
O GRANDE MOVIMENTO CULTURAL
QUE ATINGIU O SEU AUGE ATRAVÉS
DE DANTE E DA VINCI



3 — Havia, pois, clima para a inteligência. E foi aparecendo uma grande universidade, foram surgindo bibliotecas, como a Nacional e a Laurenciana. E um punhado de artistas preparou o movimento da redescoberta da Antiguidade clássica no que ela possuía de belo e nobre, como Dante, primeiro poeta da Itália e do mundo latino, gênio universal; Petrarca, também poeta, e Boccaccio, prosador, nomes dos três primeiros humanistas. Já então Giotto, na pintura e na arquitetura marcava o ressurgimento da arte.



1 — Nascido no século X, era magnífica do pré-renascimento, o Humanismo teve sua pátria em Florença, a mais admirável, do ponto de vista cultural, das antigas repúblicas italianas. No século XII já os florentinos eram conhecidos como admiráveis fabricantes de tecidos de luxo. Essa indústria trouxe-lhes a fortuna. Desenvolvendo o comércio, foram eles os banqueiros dos reis da cristandade, notadamente dos soberanos franceses. Uma família de banqueiros, a dos Médicis, deu à França duas rainhas: Catarina e Maria.



4 — Os progressos da técnica vieram apressar a volta do homem à beleza do espírito. O óleo de linhaça substituindo o gesso e a clara de ovo, permitiu à pintura maior desenvolvimento, efeitos de claro-escuro e sombreado. O estudo da anatomia possibilitou a reprodução natural do corpo humano. E começou-se a pensar em perspectiva. Podiam aparecer, portanto, os Della Robbia e os Donatello, na escultura, os Burnelleschi na arquitetura, os Fra-Angelico na pintura, os Da-Vinci, Miguel Angelo, Rafael, Ticiano...



2 — Florença foi, então, a capital de um Estado que atingia o mar, fazendo de Pisa o seu grande porto, a partir de 1406. Porque fôsse rica e poderosa, talvez, a república deuse-se extraordinariamente ao luxo e à cultura, semeando, com prodigalidade, beleza por todos os recantos de seus domínios. Enquanto sob a proteção de Lourenço, o Magnífico, se erguiam admiráveis monumentos, as famílias mais poderosas acolhiam os sábios gregos evadidos de Constantinopla, que os turcos haviam tomado.



5 — Mas um nome se destaca nessa fase áurea da ressurreição do belo: Da Vinci, gênio universal, filósofo, artista, cientista, que estudou em Florença. Suas principais telas, como a Gioconda, ou Santana, introduziram na arte pictórica o claro-escuro — contraste entre a sombra e a parte iluminada. Florença, pátria do humanismo é, assim, um monumento da cultura universal, não havendo exagero nas denominações que lhe deram de «Athenas da Itália», «Mãe de todas as artes».

Leonardo da Vinci

NASCEU Leonardo da Vinci, em 1452, na aldeia acastelada de Vinci, que ainda hoje coroa uma colina da Toscana, cêrca de Florença. Nesta cidade estava, ao tempo, a desabrochar o Renascimento, de que essa criança seria o símbolo. Por um milagre da História, essa cidadezinha livre, debruçada nas margens do Arno como uma flôr rara num vaso de cristal, herdara tôda a arte de Atenas e tôda a cultura de Alexandria, que se detiveram ali pouco mais de um século, para prosseguirem na sua rota para o Ocidente e irem fixar-se até hoje, em Paris. Milagre da História ou das suas instituições livres, a República de Florença, tendo por ganfaloneiros da sua justiça, provedores da sua riqueza e defensores da sua independência os primeiros Médicis, era bem o ambiente onde deveria formar-se a personalidade de Leonardo, como o foi para outro gênio renascentista: Miguel Ângelo.

O pai de Leonardo era o jovem notário Da Vinci, "ser" Pietro, a mãe uma camponêsa, Catalina, talvez doméstica da abastada família dos Vinci. O filho foi natural. Malgrado, criaram-nos os avós paternos. A mãe, essa casou-se, logo, com um camponês da aldeia. Quando o pai casou, mais tarde, a madrasta, dona Albiera, adotou o pequeno Leonardo e como não teve outros filhos quis-lhe como se seu fôsse. Não pesava então sôbre os bastardos nenhum injusto estigma de opróbrio e por tôda a Itália herdavam dos pais nomes e bens. Leonardo foi, portanto, educado como um filho de família abastada. Folgou nas festas e foi destro cavaleiro. Era formoso de corpo e prendado de dons do espírito. Cedo mostrou vocações para as artes. Tudo em Florença, para onde a família fôra viver, falava delas e incitava a praticá-las.

Teria Leonardo, quinze anos, quando o pai o fêz entrar como aprendiz para a oficina de Andrea del Verrochio. Êste era ourives. Essa profissão ocupava o mais alto grau no artesanato, pois o ourives tinha de saber tudo: desenhar, gravar, esculpir, fundir os metais preciosos e pintar para harmonizar as côres nos esmaltes. Verrochio, ourives tal como o foram Donatello, Ghiberti, Guirlandajo, foi, como êles, grande escultor e pintor. A sua escultura do Colleoni, em Veneza, é a mais

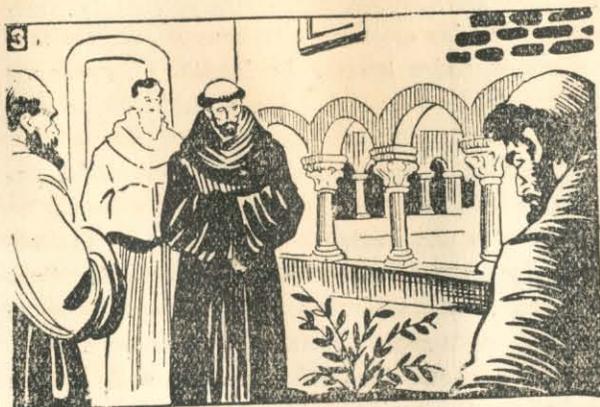
bela estátua eqüestre que se conhece, e a sua pintura é de tal quilate que muitos a confundem com a de Leonardo. Certos críticos vão a ponto de dizer ter o mestre aprendido com o discípulo. As obras saídas da oficina de Verrochio, sejam dêle próprio, de Lorenzo de Credi, do Perugino ou doutros seus discípulos, têm o cunho chamado leonardesco. O cunho, portanto, era do Verrochio, o qual o transmitiu ao discípulo, que por sua vez, o levaria a extremos de rara perfeição eclipsando a fama do mestre como pintor.

Verrochio apreciava as notáveis qualidades de Leonardo e cedo o deu por pronto da aprendizagem, de sorte que, aos vinte anos, o artista portentoso ingressou na corporação dos pintores de Florença. Antes desta investidura, o mestre não teria vacilado em convidar o discípulo a colaborar com êle numa grande obra, "Batismo de Cristo", pintada entre 1468 e 1470, na qual um anjo, o que se vê de perfil, é, segundo se diz, de Leonardo. Êste teria sido, logo no comêço da sua aprendizagem, o modêlo da estátua de "David", por Verrochio. O discípulo tomou-a como modêlo da sua primeira pintura autônoma, a "Anunciação", hoje no Louvre, uma pintura do mestre, a "Anunciação" dos Uffizi, de Florença. A interpenetração dos dois artistas foi essa: um colaborava com o outro e inspiravam-se mutuamente.

A primeira obra datada de Leonardo é um apontamento de paisagem, com a data de 1473, e essa nada tem de Verrochio. O pintor de 21 anos começava a voar com as próprias asas. Manter-se-ia, contudo, senão sempre na oficina de Verrochio, a trabalhar em Florença, durante cêrca de dez anos. São dêsse tempo, além daquela "Anunciação", o baixo-relevo de Cipião, também no Louvre, que últimamente lhe tem sido atribuído, o expressivo "São Jerônimo", por acabar, que está no Vaticano, a Madona, chamada de Benois, do Museu de Ermitage, que teria sido começada em 1478 e lhe é atribuída, e a grande composição da "Adoração dos Magos", que deixou também esboçada e por executar para a qual firmou vantajoso contrato com os monges de S. Donato, em 1481.



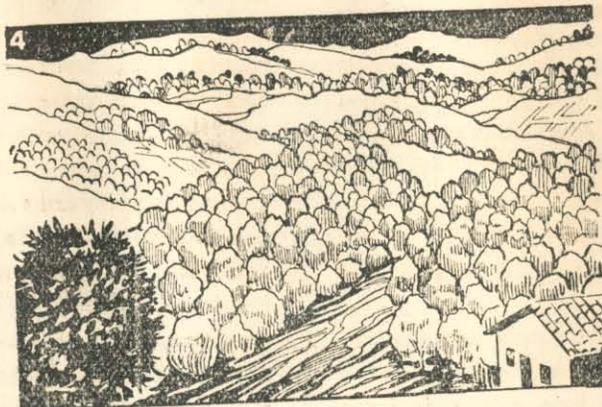
NÃO PODERIA IMAGINAR QUE AQUELAS HUMILDES SEMENTES, TRAZIDAS DA GUIANA FRANCESA, SE TRANSFORMASSEM NO PRINCIPAL PRODUTO ECONÔMICO DO BRASIL



3 — No Sul, entretanto, é que a preciosa planta encontraria seu habitat ideal, havendo tido princípio, até certo ponto, romântico. O caso é que em 1770 o desembargador João Alberto Castelo Branco trouxe ao Rio de Janeiro algumas sementes com as quais presentou os frades barbadinhos, italianos, que tinham casa na rua dos Barbones, onde é hoje um quartel de polícia, na atual rua Evaristo da Veiga. Os frades cuidaram com extremo carinho das primeiras plantas nascidas e distribuíram diferentes mudas.



1 — A difusão do uso do café na Europa custou uma série de lutas contra preconceitos médicos e religiosos, lutas vencidas galhardamente, desde que, em 1615, Veneza iniciava comércio de café com o Levante e Marselha, em 1644. Alguns anos mais tarde, abria-se em Paris o primeiro café público. Em 1720, na mesma cidade, cuja população era de 680.000 habitantes, já existiam 380 casas do gênero, frequentadas por todas as classes sociais. Esses cafés serviram de tema a diferentes ensaios literários.



4 — Não tardou a surgir cultura bastante extensa. Em Campo Grande, no sítio do Mendanha, certo Antônio Fonseca realizou grandes plantações. Na Tijuca e nas Laranjeiras plantou-se muito café. O bispo D. Justiniano remeteu sementes para Resende e São Gonçalo. Mais tarde, D. João VI incentivou o plantio. Em pouco mais de 10 anos o café operava verdadeira revolução na província fluminense, que em 1832 atingia o apogeu da fatura, com uma produção de 2.600.000 sacas.



2 — No ano de 1727, o sargento-mor Francisco de Melo Palheta, do Pará, realizou uma viagem oficial à Guiana Francesa, onde, surpreso, encontrou a rubiácea para ele desconhecida. Conseguiu, hábilmente, mudas e sementes que conduziu ao Pará, iniciando as primeiras plantações, que cedo passaram ao Amazonas e ao Maranhão. Em 1731 Lisboa já recebia café brasileiro e em 1750 a exportação encontrava-se perfeitamente regularizada, havendo dado entrada na metrópole, nesse ano, 835 arrobas.



5 — Na década 1870/1880, segundo R. Simonsen, a produção fluminense representava 60 por cento da exportação total do Brasil. Mas seria São Paulo, cuja quota não ia, então, além dos 10 por cento, que haveria de transformar-se no maior produtor brasileiro, pela qualidade de suas terras e pelo sistema de trabalho adotado nas fazendas, onde, desde 1888, predominava o trabalho livre. A Abolição não representou, assim, para São Paulo, a «tragédia» que foi para a economia fluminense.

O Café

ESCRITOR árabe refere com relação à descoberta do café curiosa lenda. Um pastor, encarregado de guardar as cabras de um mosteiro, notava que elas não dormiam e agitadamente saltavam durante a noite inteira. Relatou o estranho fato ao prior do convento, o qual, depois de observar os animais, viu que os mesmos comiam com manifesto prazer os frutos de certos arbustos selvagens. Colheu alguns desses frutos, ordenou que fossem cozidos, e tendo observado um pouco da decoção que daí resultou, notou que também perdia o sono. Ora, como os monges tinham o mau hábito de dormir à hora da prece noturna, êle deu-lhes também a beber esse líquido e foi assim que as propriedades anti-soníferas do café se revelaram pela primeira vez.

Do Oriente passou o café à Europa, no século XVII.

O café é a mais importante riqueza agrícola do Brasil. Encontrou nas nossas regiões de terra roxa as suas zonas de produção favoritas; em nenhuma outra região do mundo o cafeeiro dá tão bem como no Brasil, e em particular, nos Estados de São Paulo e Paraná.

Em 1840, São Paulo fornecia apenas 2,8% da produção total do café brasileiro. Dez anos mais tarde a produção se elevava a 82.000 sacas e em 1889 a exportação ascendia a 2.000.000 de sacas.

As exportações sempre foram realizadas para a Europa e o norte do continente, especialmente os Estados Unidos, sendo curioso observar que, nesse último país, verificou-se, a partir de 1913, um aumento do consumo médio anual de meio por cento, "per capita".

Conquanto haja sido onerado em quase todos os países consumidores, o café brasileiro pode ser pôsto à disposição dos consumidores, nos diferentes países, por preços inferiores aos atualmente pagos, auferindo, entretanto, os produtores, lucros bem superiores aos que ora percebem, tudo dependendo da execução de uma acertada política cafeeira.

O café, na sua marcha expansionista, tem realizado verdadeiros "milagres". Um deles, e dos mais belos, é a criação da cidade de Londrina, no Paraná, que em poucos anos se transformou em adiantado núcleo de população, provida de todo o conforto moderno.

O grande geógrafo, professor Pierre Deffontaines, teve oportunidade de escrever a respeito do café as seguintes interessantes linhas:

"As regiões onde domina a terra-roxa são, por excelência, regiões de café, estreitamente associadas à grande propriedade; era, outrora, a região das mais belas florestas. À custa de vastas derrubadas, a árvore cede lugar à cultura intensiva do café, embora não completamente, e os cafezais estão longe de formar uma paisagem contínua. Os fazendeiros não puseram em exploração tôda a sua propriedade; manchas mais ou menos vastas de florestas virgens espalham-se pela região, e, entre elas, estendem-se porções de campos ou "cerrados", utilizados como pastos; em geral, estes recantos de exploração mais extensiva onde reina somente o gado, correspondem às manchas de terra branca, que se interpõem nos solos de terra roxa.

A fortuna dessas regiões fêz-se bruscamente e as fazendas cobriram-se de grandes domínios rurais; mais de 70% das propriedades ultrapassam 100 alqueires. O povoamento é constituído principalmente por dois elementos: a sede da fazenda concentra a habitação, muitas vezes suntuosa, do fazendeiro, os escritórios da administração e as construções que servem para a seca e o preparo do café; e as colônias, que abrigam a população dos assalariados em vilas operárias rurais, em monótonas filas de casas de tijolos, tôdas iguais. As famílias dos colonos eram outrora quase unicamente de origem italiana, mas hoje são de proveniência muito variada.

Não existem verdadeiras aldeias ou povoados, porque não há pequenos proprietários.

Em compensação, as cidades são bastante numerosas, muitas vezes fundadas pelos próprios fazendeiros, por meio do sistema dos "patrimônios", isto é, pela doação de um terreno a ser loteado à volta de uma igreja que serve de centro de atração. Essas aglomerações são tôdas idênticas, com casas térreas construídas sobre porões, ruas que se cortam em ângulo reto, praças centrais. Tais cidades múltiplas são, em geral, pequenas e servem unicamente de centro para o abastecimento local; não se ocupam nunca do escoamento e do comércio do principal produto, o café, que é exportado diretamente aos negociantes de Santos".



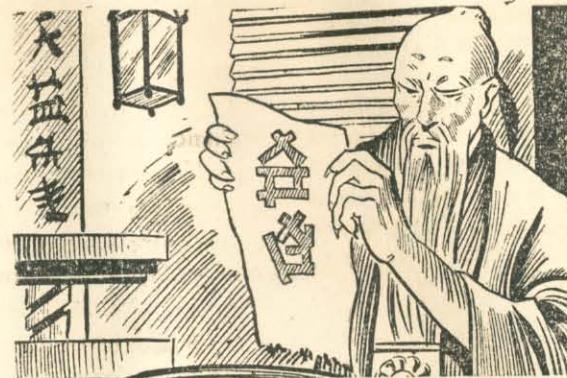
A NECESSIDADE DE ETERNIZAR O PENSAMENTO LEVOU O HOMEM, ATRAVÉS DE SÉCULOS DE INGENTES ESFORÇOS, À FABRICAÇÃO DO PAPEL



3 — Não era bastante, porém. E apareceu o pergaminho — pele curtida de certos animais jovens — inventada pelo rei Eumenes, no século II A. C., na cidade de Pérgamo, na Ásia Menor. Os escribas da Antiguidade e da Idade Média passaram a escrever, então, sobre a pele de carneiros e vitelas. Mas ainda não era bastante. Aumentava a necessidade humana de eternizar seus pensamentos, de purgar o cérebro do excesso de imagens.



1 — Quando sentiu necessidade de fixar suas idéias ou perpetuar determinados fatos, o homem recorreu aos tijolos de barro e aos ladrilhos, eternizando por meio da escrita cuneiforme, em pedras ou lâminas de metal, aqueles fastos que, também, foram pintados em telas e tábuas com os símbolos da escrita hieroglífica. Mas o homem foi evoluindo já não mais se satisfazendo com os primitivos tijolos. E descobriu, então, a utilidade da planta denominada papiro que subia em espigas para o céu claro do Nilo.



4 — E surgiu, mais tarde, o modesto Tsai Lun, na província de Hunã, no norte de Cantão, com a sua maravilhosa idéia de conseguir uma pasta, feita de fibras de amoreira e de bambu, desfeitas em água, secas e alisadas depois, onde seria possível escrever-se. Arabes tomaram conta da idéia que aperfeiçoaram, instalando fábricas em Bagdá e Damasco, no tempo daquele lendário Harum-Al-Rachid, califa das histórias maravilhosas. Dominando a península ibérica conduziram o segredo do papel ao Ocidente.



2 — O papiro dava a raiz comestível e oferecia aquelas folhas dotadas de uma película muito fina que não tardou a ser usada, em camadas sobrepostas, convenientemente prensadas, para a gravação das coisas que os homens pensavam, sonhavam, desejavam. Os gregos apelidaram esse conjunto pelo nome de «biblios», enquanto os romanos preferiam a denominação de «volumens» (rôlo), dado que eram enrolados. E como as folhas onde se podia escrever eram formadas do LIBER da planta não tardou a surgir a denominação LIVRO.



5 — Em Jatiba, próximo de Valência, na Espanha, um grupo de judeus instalou o primeiro MOINHO europeu de fabricar papel. MOINHO, dissemos bem, não só porque assim se denominavam as primitivas fábricas, como porque o trabalho consistia em moer e triturar trapos para conseguir-se a pasta que por meios primitivos era prensada, laminada e polida. Somente em 1857 Houghton descobriu a celulose da madeira, que passaria a ser a matéria-prima dessa mercadoria — o papel — cuja grande crise atual ameaça a cultura moderna.

Os primeiros moinhos de papel

«TEMOS falado em fábricas de papel, mas o termo fábrica, pelo menos no significado que hoje tem, é talvez excessivo para a época. O que havia então era moinho de papel. Durante séculos, assim se chamou aos locais onde laboravam nessa indústria quase doméstica. Moinho era bem o termo adequado, porque, pelos mais primitivos meios, o fabrico consistia em moer, triturar trapos, sobretudo de linho, para obter a pasta que, por processos não menos primitivos, era prensada, laminada, polida com rolos de madeira ou de marfim, posta a secar ao sol, antes de formar cadernos, mãos, resmas, designações estas que ainda são as dos diversos agrupamentos de folhas de papel.

Foi esquecida, ou ignorada, no Ocidente, a primeira matéria-prima usada pelos chineses, e todo o papel produzido, até meados do século passado, tinha por base os trapos, sobretudo de linho, mas também de algodão, de cânhamo, de juta e outras fibras vegetais têxteis. As fibras animais, as de lã e de sêda, não dão bom papel, mas apenas um grosseiro cartão ou papel de embalagem. Também até meados do último século, não sabiam como branquear a pasta. Para obter papel branco era preciso usar trapos brancos, que apenas a longa infusão na água limpava um tanto. As fibras escuras, cujo colorido a água não podia diluir, mantinham-se assim.

Os trapos eram selecionados por tons, rasgados, cardados, postos de mólho em grandes tinas, agitados, amassados com maços ou a pés, ou fervidos em grandes caldeiras, depois de terem atingido um certo grau de fermentação que variava consoante as qualidades a fabricar. A pasta assim obtida era comprimida em fôrmas, distribuídas em camadas muito finas, prensada, até adquirir uma consistência que permitia estendê-la a secar ao sol. Podemos considerar ser êsse, o grosseiro processo de fabrico adotado durante séculos, nos diversos moinhos de papel instalados em quase todos os países da Europa, dos séculos XII a XV.

Em Portugal, o primeiro moinho de papel foi fundado em Leiria, em 1411. Antes, todo o papel existente em Portugal, era importado. O alvará que autorizou o primeiro moinho de papel em Portugal foi passado, por D. João I, a favor do seu escrivão da puridade, Gonçalo Lourenço de Gomide, bisavô de Afonso de Albuquerque. O segundo

moinho instalou-se na Batalha, já no século XVI. A seguir, surgiram outros na Fervença, Alenquer, etc. . .

Com a invenção dos caracteres móveis da Imprensa, o uso do papel generalizou-se e a sua produção teve de ser intensificada. Os fabricantes alargaram as suas instalações, mas os progressos do fabrico foram muito lentos. Cada moinho tinha o seu segrêdo. Adicionavam a pasta cal, cola, farinha. Supunha ser a água de certos rios favorável ao fabrico. Os métodos, porém, eram todos empiricos e a aparelhagem rudimentar.

O fabrico manual de papel, hoje quase inteiramente pôsto de parte, salvo para certos papéis especiais, consistia na maceração das fibras de trapo, durante cêrca de vinte dias, com freqüentes mudanças de água e compressão da pasta na tina com maços pesados. Depois a massa, já com certa consistência, era disposta, em fôrmas, onde se lhes adicionavam outras substâncias.

A água de cal e a lixívia de soda foram um progresso introduzido no fabrico, reduzindo o tempo da maceração a doze dias. Os holandeses foram os primeiros a utilizar cilindros para a compressão da pasta.

A máquina daí derivada ainda hoje se chama holandêsa.

A pasta ainda branda era disposta em um tabuleiro retangular, com um fundo de rêde metálica, o tear, com uns arames ao alto, muito juntos, e outros transversais, mas separados, apenas destinados a suportar os primeiros.

Uma tampa de madeira comprimia a pasta cujo liquido escorria por entre os fios do tear. Livre da maior parte de água, era a pasta retirada da fôrma e assente em fêltro ou flanela onde acabava de enxugar. As folhas de pasta branda, alternando com outras de fêltro, eram dispostas umas sôbre as outras e sofriam nova prensagem para extração do resto da água. Por fim, eram retirados os fêltros e as folhas de papel iam para o secadouro onde ficavam expostas ao sol, sôbre cordas de secagem, como a roupa lavada".

*Artigo in "PRIMEIRO DE JANEIRO",
jornal do Pôrto, Portugal.*



**SEM MÃOS, COM O CORPO EM CHAGAS,
ARRASTANDO-SE PELO CHÃO COMO UM
RÉPTIL, ELE REALIZOU UMA OBRA IM-
PERECÍVEL**



1 — Filho do português Manuel Francisco da Costa Lisboa, «mestre de riscos», não se sabe ao certo o dia do nascimento, em Ouro-Preto, de Antônio Francisco Lisboa, sabendo-se, apenas, que sua mãe, a escrava Isabel, foi libertada pelo «senhor» no dia do batizado do menino: 29 de agosto de 1730. O pequeno frequentou, unicamente, a classe de primeiras letras. E, na oficina do pai, considerado dos melhores arquitetos da época, aprendeu a modelagem e os trabalhos de talha, assenhoreando-se da técnica dos grandes artistas contemporâneos.



2 — Trabalhando sempre, atingiu a idade adulta. Era baixo e descuidado no traje. Sua fisionomia era forte, expressiva, a testa ampla, os cabelos anelados, os lábios grossos, o nariz agudo. Rebelando-se, muito cedo, contra o espírito reinol, procurou Antônio Lisboa fazer obra pessoal, brasileira, dando ao estilo D. João V, uma interpretação pessoal. E, deixando de lado o velho jacarandá, a pedra-de-lixo e os granitos do Itacolomi, passou a usar a pedra-sabão, até então desprezada.



3 — Os trabalhos que realiza são maravilhosos. É a Antônio Lisboa que passam a recorrer as Irmandades religiosas que, semeando igrejas, parecem estar empenhadas numa grande competição, a ver quem realiza templos mais belos e mais ricos. Antônio Lisboa dá expansão a seu gênio criador, aos seus ideais de renovação de gosto tradicional, inspirando-se no barroco italiano para a fachada de S. Francisco de Assis, trazendo para os portais dos templos ornatos até então privativos de altares.



4 — Mas vem a desgraça. Dores violentas assaltam o artista, que está com 47 anos. Desfigura-se o seu corpo. A cabeça torna-se-lhe desproporcional, o corpo se lhe abre em feridas. É o princípio da podridão. Antônio Lisboa perde os dedos, perde as mãos, arrasta-se como réptil. «Aleijadinho» é o nome pelo qual o indicam. Não quer piedade nem descanso. Torna-se mais arredo, mais arisco, continua a trabalhar. Seus auxiliares transportam-no em liteira de cortinas cerradas até o lugar do trabalho. Atam-lhe aos pulsos os cinzéis. E ele trabalha.



5 — Tem 61 anos quando lava as estátuas do Santuário de Congonhas do Campo. É um resto de gente. Perto de trinta anos trabalha ininterruptamente, numa ânsia de produzir que tem qualquer coisa de dramático. Seu cinzel só pára a 18 de novembro de 1814, quando o maior artista do Brasil colonial vai contemplar em pessoa aquele Deus que ele tanto reproduzia com sua arte esplêndida, aquela multidão de anjos, santos e profetas cujas imagens ele arrancara da suavidade da pedra-sabão ou do rigor da madeira.

Vila Rica do Aleijadinho, de Marília e Gonzaga...

OURO PRETO está toda vestida de noiva pelo nevoeiro quando chegamos. É bastante tarde para a localidade: vinte e duas horas. O carro deixa-nos à porta do hotel, onde atiramos as malas e saímos para um passeio ligeiro, querendo sentir a noite ouropretana. Foi aqui a capital da elegância brasileira no tempo dos vice-reis.

Vila Rica, a melancólica cidade das terras do ouro, amiga dos belos jardins floridos e das igrejas de luxuosa ornamentação, onde a própria clausura feminina, de uso, na época, não era tão rigorosa, tem um glorioso passado.

A mulher vila-riquense podia conversar e rir nos salões sem que isso fôsse considerado "mal", encantar com a sua graça, rir, cantar e fazer música — passatempo de bom-tom, então.

Vestidas pelos figurinos ingleses, como observou Marwe, elas moviam-se numa sociedade requintada que apreciava as artes e queria para si os artistas de valor, atraindo os Aleijadinho, os Antônio Serval, os Costa Ataíde, os Sousa Calheiros.

Nas pontes que atravessavam os três riachos da vila ou nos salões dos vetustos solares de paredes ornadas de damascos heráudicos e óleos de bom-gosto, os homens entretinham longas conversações, saboreando os cânticos e versos dos poetas de Minas.

As corridas de touros, as cavalladas a rememorarem o feudalismo, os jogos de argolinhas, as procissões e festas de igreja atraíam toda u'a multidão elegante que importava de Londres e da Flandres e das cidades da França a sua "água-de-cheiro", os seus veludos e rendas, as suas plumas.

Plantada na encosta da serra, as ruas de Vila Rica, sempre imersas na neblina eram, como continuam sendo, de calçamento disforme, irregulares. As elegantes não andavam a pé, tanto mais que os mimosos sapatinhos não eram feitos para enfrentar aqueles caminhos. Por isso, as cadeirinhas cortavam as ruas em todas as direções, conduzindo em seu alcatifado interior lindas criaturinhas de sorriso brejeiro.

Vila Rica, capital da elegância oitocentista era, realmente, uma pequena côrte ducal da Europa transportada para a selva brasileira, como já afirmou alguém.

Em tudo isso pensamos, enquanto subimos e descemos ladeiras. Ainda está aberto um velho bilhar. As "repúblicas" de estudantes, de

nomes pitorescos e curiosos — Shangrilá, Tirateima, etc. — já estão aquietadas. Apenas aqui e ali, pequena luz anuncia um jovem mergulhado no estudo.

Ouro-Prêto tem, nesse momento, um aspecto de coisa irreal, fantasmagórica. O pensamento voa, vagabundo, sem se deter, antes saltando de fato em fato. Pensa-se no Aleijadinho, pensa-se nos versos de Bandeira, pensa-se naquela Marília e naquele Dirceu que escreveram o romance de amor mais bonito da história do Brasil. E lá vem Bilac com o seu exílio forçado nesta cidade que é um santuário do passado brasileiro e aqueles versos que lhe dedicou.

Então, dentro da noite e do frio que aumenta com o decorrer das horas, sentimo-nos tólamente líricos, idiotamente sentimentais. Talvez haja umidade em nossos olhos... Ou será a neblina? E enquanto retornamos ao hotel, vamos murmurando baixinho aqueles versos que a estas horas mortas, nestas ladeiras, têm qualquer coisa de dolorosamente sentimental:

*"O ouro fulvo do ocaso as velhas casas cobre;
Sangram, em laivos de ouro, as minas que a ambição
Na torturada entranha abriu da terra nobre:
E cada cicatriz brilha como um brasão.*

*O ângelus plange ao longe em doloroso dobre.
O último ouro do sol morre na cerração.
E austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre,
O crepúsculo cai como uma extrema-unção.*

*Agora, para além do cêro, o céu parece
Feito de um ouro ancião que o tempo enegreceu...
A neblina, roçando o chão, cicia em prece,*

*Como uma procissão espectral que se move...
Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...
Sôbre a triste Ouro-Prêto o ouro dos astros chove"...*

SERGIO MACEDO



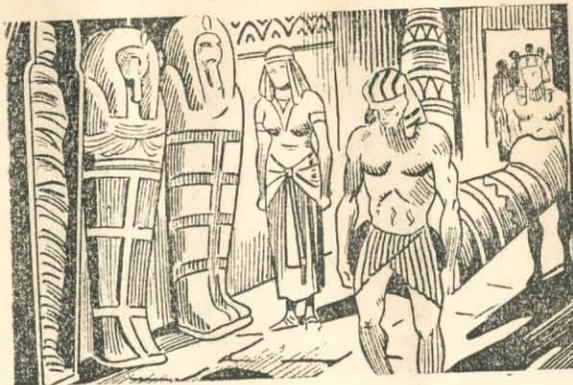
QUE PENSAVAM OS EGÍPCIOS ACÉRCIA DA IMORTALIDADE DA ALMA? AS MÚMIAS REFLETEM A PREOCUPAÇÃO DOS EGÍPCIOS COM A MORTE



3 — Os embalsamadores eram pouco considerados pelo povo, formando um grupo social à parte. Realizavam eles diferentes espécies de embalsamamento. Geralmente, conduzem às suas oficinas os corpos dos que haviam falecido e nos quais deveriam trabalhar. Por meio de incisões praticadas com grande perícia retiravam-lhe as vísceras, que eram colocadas em urnas ou pequenos vasos que acompanhariam o morto. As cavidades eram, então, atulhadas de substâncias aromáticas.



1 — Heródoto, afirmando que os egípcios foram os primeiros a professar o dogma da imortalidade da alma, explica acreditar aquele povo que, após a morte, a alma passava, através de sucessivos nascimentos, a diferentes corpos de animais, voltando, finalmente, a habitar o corpo de um novo ser humano. Conseqüentemente, a ALMA NÃO VOLTAVA AO CORPO QUE PRIMITIVAMENTE HAVIA HABITADO, ou seja, ao primeiro corpo humano que a contivera. Nessas condições, por que os egípcios embalsamavam seus mortos? Por que as múmias?



4 — Terminada essa operação, o corpo era salgado durante setenta e dois dias, através de imersão em líquido em que entravam o carbonato, o hidróclorato e o sulfato de sódio. Em seguida, era lavado cuidadosamente e enfaixado em tiras de pano gomado. O corpo era, então, colocado no sarcófago, mais ou menos rico, em cuja tampa os hieróglifos contavam a história do morto. Havia, também, o embalsamamento, mais simples, dos pobres. Não praticavam incisão alguma, apenas injetavam no defundo um líquido de natureza desconhecida.



2 — Sérvius, em seus comentários sobre a «Eneida», diz que os egípcios acreditavam que essa transmigração da alma só começasse depois da completa destruição do corpo que habitava. Daí a utilização de todos os recursos para RETARDAR, o mais possível, essa destruição. Há, também, quem pretenda que a falta de madeira para queimar os cadáveres e as inundações do Nilo impedindo os enterramentos sejam os verdadeiros motivos das mumificações. O certo é que desde muito cedo o egípcio praticou a arte de embalsamar.



5 — Graças às múmias e seus embalsamadores, a história do velho Egito chegou até nós. O encontro das múmias de reis que existiram há três mil anos, como Ramsés, o grande; Tutmés I, que levou seus exércitos até o Eufrates; ou Amés, que expulsou os hicsos — admiravelmente perfeitos na expressão de suas faces — trouxe grande auxílio à História. E não fôra a existência dos túmulos faraônicos, ainda mais misteriosa seria hoje a misteriosa história da pátria dos faraós.

Noções de Geografia Histórica do Oriente Antigo

«**A**S épocas mais antigas da História têm o seu teatro chamado Antigo Oriente na região oriental do Mediterrâneo, até o Índico, aonde chegaram as conquistas de Alexandre. Para além, floresciam já as civilizações dos mongóis, China e posteriormente Japão, que em geral, pelo pouco influxo que exerceram não se contemplam no Oriente Antigo. Nos dias de hoje é que a raça amarela do extremo-oriental atrai a atenção dos povos ocidentais.

O Oriente Antigo abrange na quase totalidade a Ásia e África, na parte mais próxima da Europa, e, principalmente, o Egito, a Mesopotâmia, a antiga Fenícia, a Palestina, a Índia. Eram essas regiões habitadas por povos que chegaram a atingir uma civilização digna de nota, antes de entrarem em contato com os gregos e romanos que vieram a dominá-las até o rio Indus.

Na África, os egípcios ocuparam o vale do Nilo; na Ásia, os fenícios floresceram em cidades marítimas do fundo do Mediterrâneo; no interior mais próximo estabeleceram-se os hebreus e ainda para o lado oriental estabeleceram-se os babilônios e assírios e depois deles, ainda na mesma região da Mesopotâmia, entre o Tigre e o Eufrates fundaram os seus impérios os medos e os persas, com expansão maior para leste e para o sul.

No tempo dos gregos, estes sob o comando de Alexandre conquistaram o vasto interior dessas terras desde o Mediterrâneo até o limite da Índia ocidental.

As cidades mais notáveis foram Tebas, Mênfis, Alexandria, no Egito, Sidon e Tiro na Fenícia; Susa, Persépolis, Babilônia e Nínive na região mesopotâmica, e Jerusalém na Palestina.

Fora desses limites, havia povos bárbaros, os sitas ao norte, os bactrianos a leste, que pouco interessam ao nosso estudo.

Os nomes da Geografia Antiga foram em grande parte conservados na Geografia moderna.

O Egito era o nome do rio Nilo; a oeste do Egito ficava a Líbia ardente e deserta, para o sul a região quase desconhecida da Etiópia.

O mar Vermelho chamava-se o Sinus Arabicus entre gregos e romanos e Eritreum era o mar que banhava o sul da Arábia.

Para além da Mesopotâmia, que era a região interfluvial do Tigre e do Eufrates, ficava a Parthia e a Sódiana. Na vizinhança da Índia ficava a Gedrosia.

O Mar Negro era o Ponto Euxino. O Mare Caspium conserva o mesmo nome. Entre a Grécia e a Ásia Menor estava o Mar Egeu que comunicava com o Propontis (Mar de Mármara).

Na Ásia Menor floresceram vários países do norte para o sul: Troa, Frígia, Lídia, Caria e outros menos importantes que tiveram duração precária.

A MESOPOTAMIA — Das terras altas da Armênia descem dois rios: Tigre e Eufrates; correm ambos para o sul, ganham a planície e reúnem-se em um só que se lança no Golfo Pérsico. O território compreendido entre os dois rios foi chamado Mesopotâmia pelos gregos. No mês de abril, as neves de Taurus fundem-se, os dois rios transbordam inundando a planície e só voltam ao leito no mês de junho.

Isso faz a grande e excessiva fertilidade da Mesopotâmia, que sem esses cursos d'água seria naturalmente árida, estéril, situada como está entre dois desertos e onde quase nunca chove. Aí, pois, nesse oásis, as palmeiras, os cereais e todos os meios de alimentação abundavam. A parte norte e montanhosa da região era a Assíria, região temperada e umbrosa. A planície, terra de aluvião, no curso inferior do rio, era Babilônia ou Caldéia.

Primitivamente, o Tigre e o Eufrates não se reuniam no Chat-el-Arab; lançavam-se separadamente no Golfo Pérsico, formando um delta. Como faz notar Reclus, há um movimento de sifão produzido pelos dois rios, que transfere as águas do Mar Negro para o Golfo Pérsico; efetivamente, vapores formados pela evaporação daquele mar vão pairar nas montanhas armênias e daí em neve e em chuva vão avolumar as águas do Tigre e do Eufrates".

JOAO RIBEIRO
"História Universal"



PODIA SER O AUTOR DA MORTE DE SEU FILHO, MAS NÃO ERA, TAMBÉM ELE, UM SER HUMANO? E ANA NÉRI CUMPRIU O SEU DEVER...



1 — Faiscam ao sol as charlateiras dos oficiais de infantaria, fere os olhos o colorido vistoso dos uniformes dos «Voluntários da Pátria», marchando garbosamente rumo ao cais do Salvador, em demanda dos barcos que os conduzirão para os campos do Sul, onde se luta. Do seio da multidão que contempla o quadro destaca-se uma mulher. Está coberta que tem a fisionomia vincada de preocupações. Dirige-se a passos lentos para sua casa, e escreve uma carta. Uma carta que passaria à História do Brasil.



2 — Manuel Pinto de Sousa Dantas, presidente da província da Bahia, recebe a carta datada de 8 de agosto de 1865, firmada por Ana Justina Ferreira Néri, que oferece seus serviços em qualquer dos hospitais onde se façam precisos. Corre a cidade a notícia do oferecimento. E a sociedade de Salvador movimentava-se. Parentes, amigos, relações, conhecimentos, agem imediatamente tentando dissuadir Ana Néri de seu louco propósito. Pois então não via que isso de guerra era coisa para homens?



3 — Mas Ana Néri não se deixava convencer. A 13 de agosto embarcava para o Rio de Janeiro e oito dias mais tarde demandava o Sul. Era terrível, então, a carnificina nos chacos e banhados onde corria livremente sangue brasileiro e sangue paraguaio. O serviço médico brasileiro ressentia-se de falhas seríssimas. Não havia enfermagem. E Ana Néri vê-se na contingência de realizar tudo; de, por assim dizer, criar a enfermagem de guerra.



4 — Forma enfermeiras. Presta serviços em Curupaiti, Humaitá, Aquidabã, Assunção. Desliza pelos campos de batalha, indiferente à metralha entre o sibilar das balas, socorrendo feridos, confortando aqueles para os quais não havia mais qualquer esperança. Um dia encontra — um entre milhares — o cadáver do próprio filho. Abraça-se ao corpo querido. Chora como mulher e como mãe. Repentinamente uma súplica fere seus ouvidos: água!



5 — Volta-se, atônita. Há um vivo naquele montão de mortos. Acerca-se do homem que geme. É um soldado adversário. Talvez haja sido aquele paraguaio que ali está, tarda em farrapos, o autor da morte de seu filho. Porém ela sufoca seus sentimentos pessoais, pensando apenas no dever de humanidade. Faz no ferido um curativo de urgência, arrasta-o para o posto avançado mais próximo. Haveria tempo, muito tempo, para chorar o filho morto...

A Guerra do Paraguai

REPÚBLICA, o Paraguai certamente não o era: Lopez II havia herdado o país pelo testamento paterno: pouco acima de escravos eram seus habitantes; não havia lei, senão uma vontade autocrática arbitrária; vidas, recursos, fortunas, honra dos indivíduos, tudo estava à disposição do El Supremo, sem possibilidade de apêlo. Além disso, era seu intuito proclamar-se imperador de um novo Império, constituído de seu próprio país, e de Corrientes, Entre-Rios e Uruguai, conquistados.

A guerra fôra preparada com larga antecedência, e a prova está na desproporção das forças em confronto no começo da contenda: 80.000 a 100.000 homens do lado do Paraguai; 17.000 apenas, postos em linha, pelo Brasil. Como era evidente, no decurso das operações, os Aliados reforçaram seus contingentes, mas de modo e em proporção inteiramente comparável ao que o Ditador fizera: nunca o Império, por exemplo, teve no teatro das hostilidades mais de 68.000 baionetas: isso mesmo, uma só vez, em abril de 1866. Se o Exército paraguaio se dissolveu e destruiu, foi conseqüência da incapacidade de Lopez, quer militar, quer diplomática.

Cumprir sempre ter no espírito que os Aliados constantemente nutriram a convicção de que os sentimentos do Paraguai eram diferentes, por completo, dos de seu govêrno. Foi o que solenemente declararam na abertura das hostilidades, e o que ficou provado no desenrolar dos acontecimentos, até a inegável massa de depoimentos paraguayos de 1869 até hoje. Nessa persuasão agiram durante tôda a luta: o Império, principalmente, para o qual a base de sua política no Rio da Prata era, como ainda é, a independência do Paraguai e do Uruguai.

A convicção fundamental da Aliança baseava-se no fato de ser Lopez a causa, e a causa única, de todos os dissídios, e na crença meditada de que, enquanto fôsse chefe do govêrno, as dificuldades sempre renasceriam. Daí, a firme determinação de o derrubar e de o separar de qualquer contacto com o Paraguai. Assim ocorreu pela sua morte em Cerro-Corã, mas isto foi mera casualidade, e o mesmo resultado poderia ser obtido por seu exílio do país, ou por sua detenção. Ademais, é necessário não olvidar que a guerra não é tarefa que se faça de luvas brancas, e que ela se desenrola no sangue e na morte.

Pelos mesmos motivos, Mitre repeliu as propostas de paz oferecidas pelo Ditador em Yataity-Corã, em setembro de 1866: êste havia

recusado a exigência fundamental da Aliança, seu próprio afastamento da presidência e do país. Idênticas as razões do Brasil, declinando as ofertas de mediação dos Estados Unidos, em princípios de 1867.

Em ambas as ocasiões, a guerra teria sido vencida pelos Aliados, mas teriam permanecido as causas profundas que impediam uma paz duradoura, e isto enquanto o principal perturbador desta possuísse autoridade para dar largas a sua ameaçadora política de conquistas. Não se deve esquecer que tal atividade significava: Corrientes e Entre-Rios a se separarem da Argentina; a anexação do Uruguai.

No período final do conflito, o Brasil desempenhou o papel principal e, por isso, sôbre o Império recaíram acusações de todo gênero.

Lopez nutria por Napoleão veneração ilimitada, por mais longe gêsse ideal êle se revelasse. Num ponto, contudo, sua própria sorte coincidiu com a biografia do côrso genial: o clamor contra a fase final de sua existência.

O dever político da Inglaterra para com o Imperador vencido foi tão claramente explicado por Lord Roseberry, após as experiências da ilha de Elba, constituída em reino para o herói derrotado, e a de Waterloo, que suas palavras poderiam quase ser reproduzidas aqui quanto ao Ditador do Paraguai.

Seu afastamento do cenário internacional sul-americano era duro, porém, mera necessidade. O povo da República central não reagia contra sua direção, à qual obedecia sem sombra de discussão; assim o havia plasmado sua educação secular. Os acontecimentos tormentosos de 1864-1870 ressurgiriam de novo, se seu autor continuasse em seus cargos públicos, ou mesmo em proximidade tal do país, que para êste pudesse inopinadamente voltar. Nenhuma evidência, nenhuma esperança, sequer, se poderia obter de que êle houvesse mudado de orientação em sua nefasta política internacional.

Santa Helena, Doorn, a Campanha das Cordilheiras, não são soluções, preferidas entre várias, senão duras e severas imposições de segurança pública.

PANDIA CALÓGERAS
"Formação Histórica do Brasil"

Artes Orientais

«A arte ocidental ou européia, embora conte cerca de três milênios, pode ser seguida na sua rítmica evolução, desde os primeiros templos e esculturas gregas arcáicas até as concepções arquitetônicas dum Le Corbusier, plásticas dum Moore, picturais dum Picasso. Da Grécia, pela Itália, a França, a Espanha, com suas irradiações para o centro e norte da Europa e mesmo para a outra margem do Atlântico, podemos seguir, quase dia a dia, a marcha das criações artísticas. Não assim no Oriente, onde a arte parece ter tido focos autônomos e manifestações dispare. Podemos falar da arte ocidental, mas a rigor só poderemos falar das artes orientais ou asiáticas. A Ásia é imensa em relação à Europa, que parece ser apenas uma excrescência dela, uma península desse continente. A população européia tem sido, em todas as épocas, inferior à dum só país asiático: a China. No Ocidente, impera a bem dizer uma só escrita, com as pequenas variantes do alfabeto gótico alemão e do cirílico russo; na Ásia, há dezenas. Isto dá a medida da variedade de características dos povos asiáticos.

Se as artes orientais estagnaram, há séculos, contam também milênios de existência. Têm manifestações tão distintas das nossas concepções artísticas, como os templos indianos cavados e esculpido nas rochas, a ponto de a idéia que temos da arquitetura parecer não poder ser-lhes aplicável. A arte na Índia é eminentemente religiosa. Nisso confirma o conceito de ser originariamente a arte uma expressão do sentimento religioso. Na China, por exemplo, parece ter sido desde as suas origens, nos seus vasos de bronze, nos seus jades esculpido, nas suas faianças pintadas, apenas utilitária e recreativa, prazer dos sentidos na contemplação e contacto com as formas belas e os coloridos gratos à vista, sem nenhuma preocupação mística ou teológica. Não é fácil tarefa, portanto, fazer uma síntese das artes da Ásia, sobretudo, por um quase geral anonimato cobrir as suas criações, que tomam um caráter coletivo, sem individualizações possíveis.

Vamos tentar, contudo, essa síntese, no respeitante à grande Ásia, à Ásia propriamente dita, a partir da Índia para o Oriente.

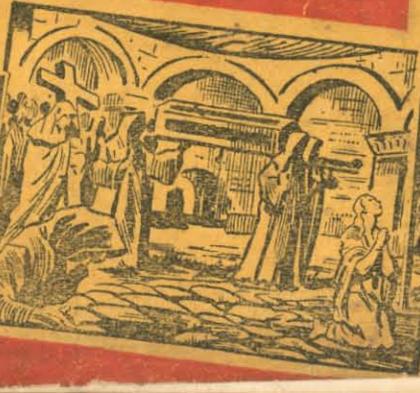
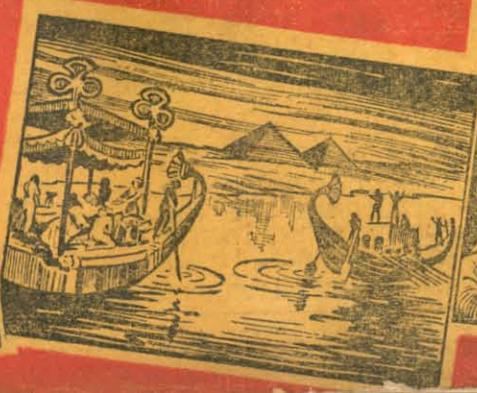
A Ásia Menor, o Próximo Oriente, com a sua arte muçulmana, os seus estilos árabes e persas, que vieram até a península ibérica e

ainda se afirmam no norte da África, estão muito perto de nós. Confundem-se, até certo ponto, com a civilização surgida da bacia mediterrânica. Pertencem ao nosso patrimônio cultural e apartam-se das outras artes do Oriente com as quais parece nada terem de comum, não se nimbando do mistério que as envolve.

Para chegar à arte Oriental temos de começar pelas regiões. Na China, foi com o budismo que começou praticamente a arte. Multiplicaram-se no século I de nossa era, ao tempo da dinastia. Há, as imagens de Buda, esculpidas em diversas e preciosas matérias, pintadas e tecidas. Era a mesma figura calma e sorridente imaginada pelos indianos, mas em breve ganhou em adiposidade, acentuando-se o seu ar bonacheirão. Esse cânone do Buda chinês fixou-se a certa altura, talvez pelo século IX ou X, assim como o dos Budas futuros ou Bodisatvas, e desde então ficou inalterável. Sem dúvida, os sinólogos e críticos de arte especializados distinguem as épocas, as dinastias, as regiões; mas para o observador não especialista e desprevenido, são todos iguais.

Com a escultura budista, entraram na China os templos abertos na rocha, as colunas e frisos esculpido com episódios da lenda búdica e até influências artísticas mais remotas como a da Pérsia ou mesmo da Grécia. O apogeu da arte chinesa, sobretudo da escultura, deu-se na época da dinastia Sung, do final do século X ao final do século XIII. As comunicações com o Ocidente eram escassas. Havia a chamada rota de seda, pela qual as caravanas estabeleciam o contacto entre o Oriente e o Ocidente; mas os mercadores não eram os mais adequados para transmitir noções de arte. Assim, a China pode dizer-se que se alimentou do seu próprio gênio artístico durante o período Sung, que teria sido o mais brilhante, sob o aspecto da arte, de toda a sua civilização. A invasão mongólica, com o estabelecimento da dinastia Iuan, foi uma espécie de Idade-Média, durante a qual a arte chinesa, destruídos e saqueados muitos de seus tesouros, teve vida precária".

J. B. CAMPBELL
"As Artes do Oriente".



SUMÁRIO DO NÚMERO 2

MOEMA	33
A esposa do Caramuru — Sérgio Macedo	34
TUT-ANK-AMON ABANDONA ATEN	35
Pirâmides e estátuas — H. Van Loon	36
UMA CAMA PARA O OUVIDOR	37
Os Ouvidores — Tomé de Sousa — Max Fleiuss	38
MAOMÉ CRIA UM ESTADO	39
O Corão — Estêvão Pinto	40
B A B A L A O	41
A mãe do cativo — Castro Alves	42
PATRÍCIOS E PLEBEUS	43
As conquistas da plebe — João Ribeiro	44
A CASA DA TÔRRE	45
As Minas de Prata — Pedro Calmon	46
BIGAS, TRIGAS E QUADRIGAS	47
Roma, século II A. C. — Eremildo Luís Viana	48
BARBARA HELIODORA	49
Alguns poetas de Minas colonial — Sérgio Macedo	50
AS NÚPCIAS DE VENEZA	51
Veneza — Garnier, trad. por Jm. Costa	52
AS HEROÍNAS DA CASA-FORTE	53
Os canaviais e os holandeses — Viriato Correia	54
DRAKE, O CORSÁRIO	55
A era elisabetiana — Sérgio Macedo	56
A CABEÇA DE RATCLIFF	57
A ordem é matar — Viriato Correia	58
B A Y A R D	59
A literatura francesa	60
O JORNALISTA DA INDEPENDÊNCIA	61
O grande Evaristo e seu jornal — Sérgio Macedo	62
MIRABEAU, O HÉRCULES DA REVOLUÇÃO	63
O Terror — Sérgio Macedo	64

SELEÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL E DO MUNDO
 Desenhos de RENATO SILVA - Legendas de SÉRGIO MACEDO
 NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS DO BRASIL — CR\$ 10,00
CONQUISTA
 AV. 28 DE SETEMBRO, 174 — RIO DE JANEIRO — BRASIL

SOMANLU — O VIAJANTE DA ESTRELA

NOVELA JUVENIL DE ABGUAR BASTOS

Páginas admiráveis de um dos mais vigorosos escritores brasileiros. Reune, numa só história, lendas, superstições, crenças e cultos de uma fabulosa região brasileira — a Amazônia — onde se encontram os mais estranhos episódios narrados nas malocas, nos rios e nas cidades que se plantaram à entrada de nossas grandes florestas. Contém 50 ilustrações de página inteira, intercaladas no texto, impressas a cores. Presente inesquecível para um ou uma jovem inteligente. Edições de Cr\$ 70,00 (papel de 2°), Cr\$ 100,00 (papel de 1°) e Cr\$ 150,00 (papel de 1°, encadernado).

OBRA DE MALBA TAHAM (ILUSTRADAS)

A SOMBRA DO ARCO-IRIS (romance), 7ª edição, 3 vol. Cada um	50,00
O HOMEM QUE CALCULAVA (romance), 15ª edição	60,00
SELEÇÕES (os melhores contos), 4ª edição	40,00
LENDAS DO CÉU E DA TERRA, 11ª edição	40,00
LENDAS DO DESERTO, 8ª edição	40,00
LENDAS DO POVO DE DEUS, 6ª edição	40,00
MIL HISTÓRIAS SEM FIM — 1º vol. — 8ª edição	40,00
MIL HISTÓRIAS SEM FIM — 2º vol. — 4ª edição	40,00
MINHA VIDA QUERIDA, 9ª edição	40,00
MAKTUB (estava escrito) — 6ª edição	40,00
AVENTURAS DO REI BARIBE — 3ª edição	40,00
CÉU DE ALLAH — 9ª edição	40,00
SOB O OLHAR DE DEUS (romance), 2ª edição	40,00
PACA TATU (contos infantis), 5ª edição	20,00

PONTOS PARA CONCURSOS PARTICULARES E OFICIAIS

A. Tenório d'Albuquerque	
CORREÇÃO DE FRASES — 15ª edição	30,00
CORREÇÃO DE CARTAS — 2ª edição	30,00
REDAÇÃO OFICIAL — 6ª edição	40,00
LIÇÕES PRÁTICAS DE PORTUGUÊS — 2ª edição	50,00
EXERCÍCIOS DE PORTUGUÊS — 4ª edição	30,00
PARA BEM-ESCREVER — 5ª edição	40,00
ANÁLISE SINTÁTICA E LÉXICA — 5ª edição	30,00
TESTES (nível mental e conhecimentos gerais) — 2ª edição	40,00
GEOGRAFIA DO BRASIL — 7ª edição	40,00
ESTATÍSTICA (Noções) — 5ª edição	40,00
MATEMÁTICA PARA CONCURSOS — 5ª edição	50,00
QUESTIONÁRIO DE PORTUGUÊS (provas dadas em concursos as soluções)	40,00
Dra. Ivete Camargos	
DIREITO CONSTITUCIONAL	30,00
DIREITO CIVIL — 4ª edição	30,00
DIREITO ADMINISTRATIVO — 3ª edição	40,00
DIREITO PENAL — 2ª edição	30,00

NAS LIVRARIAS OU PELO REEMBÓLSO POSTAL

CONQUISTA — AV. 28 DE SETEMBRO, 174 — RIO DE JANEIRO